

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
LISBOA — TELEF. 361839 FARO — TELEF. 93156 AVULSO 2500

COOPERATIVAS AGRÍCOLAS A SÉRIO PARA QUANDO?

por José A. de Melo

JÁ foi assunto no jornal em que trabalhamos diariamente: lemos. Foi assunto em outros «diários» de Lisboa e Porto e vimos há pouco na televisão — T. V. Rural (1-11-70): A Junta Nacional das Frutas promoveu uma viagem para jornalistas a várias cooperativas fruteiras espalhadas pelo Centro e Norte do País.

Lemos e ouvimos. Sobretudo vimos as imagens que o eng. Sousa Veloso mostrou aos telespectadores. Ouvimos também algumas das perguntas postas e as respostas dadas por dirigentes cooperativos. Um deles fez-nos pensar.

Dois coisas, principalmente, chamaram-nos a atenção. Uma, o facto de a referida viagem de esclarecimento não ter incluído o Algarve.

Será que aqui não existe produção fruteira que justificasse a deslocação? Esta é uma pergunta que carece de resposta. Isto porque devido às tão gabadas condições climáticas algarvias (e apoiámo-nos agora em declarações que nos foram feitas por agrónomos algarvios) parece ser possível produzir no Algarve várias qualidades de fruta e lançá-las no mercado, algumas semanas antes de qualquer outro ponto do País, conseguindo-se assim quebrar a «natural» flutuação de preços ao longo do período normal de venda de determinada espécie.

COOPERATIVAS DE CIRCUITO COMPLETO

A outra questão que nos preocupou é a seguinte:

Disse um dos directores da Cooperativa Abastecedora de Fruta de Braga, que:

— a fruta de alta qualidade tem um preço elevado pois como cada unidade produtora está distante da sede da cooperativa (às vezes 70 quilómetros), cada uma delas necessita possuir todo o equipamento indispensável a uma produção rentável (máquinas de vária ordem, mão-de-obra, etc.), o qual de outro

modo, isto é, se as unidades estivessem mais próximas da sede, poderia ser comum em larga escala; — que a fruta chega aos mercados (principalmente Lisboa, o de maior capacidade consumidora)

multo onerada, porque a produção não justifica um circuito comercial próprio, a longa distância;

Disse isto e muito mais. Mas, para já fiquemos por aqui.

Das palavras ouvidas e que ten-

támos reproduzir acima o mais fielmente possível, tirámos algumas conclusões que parecem pertinentes:

a) — o sistema cooperativo deve

(Conclui na 5.ª página)



Edifícios da Alfândega e da Guarda Fiscal em Olhão

A CONSTRUÇÃO DO MERCADO DE MONCARAPACHO CONTINUA EM PRIMEIRO LUGAR NOS PROJECTOS DO MUNICÍPIO DE OLHÃO

ALUDE o plano de actividade para 1971 do Município olhanense à alarmante falta de pessoal a camarários e em especial



Uma rua de Moncarapacho

que se nota em todos os departamentos de obras e saneamento, falta para a qual, por enquanto, não se vê solução.

No que respeita à iluminação pública, diz o documento estar em estudo, que em breve ficará concluído, a constituição de uma federação de Municípios, à qual, possivelmente, competirá a solução do problema.

As obras que a Câmara pretende levar a efeito no próximo ano, são as seguintes, com a dotação aproximada:

Construção do mercado de Moncarapacho, 200 000\$; idem do edifício para a Esquadra da P. S. P., 300 000\$; reparação e beneficiação dos mercados de Olhão, 100 000\$; idem do mercado da Fuseta, 100 000\$; idem do matadouro, 100 000\$; idem do cemitério, 50 000\$; reparação dos edifícios escolares, 100 000\$; construção do edifício do quartel dos Bombeiros, 50 000\$; ampliação do edifício da Associação de Assistência à Mendicidade de Olhão, 50 000\$; revestimento em betuminoso da Rua Capitão Nobre, Rua Diogo Cristina, Rua dos Cordoeiros, Rua Almirante Reis (2.ª fase), Rua Engenheiro Frederico Ramires, Largo da Liberdade e Largo do Grémio, 100 000\$; prolongamento da rua de acesso à Horta da Câmara (2.ª fase), 50 000\$; pavimentação e saneamento da Rua Dr.

(Conclui na 5.ª página)

(Conclui na 5.ª página)

CONVERSA LIGEIRA

por A. Santa Clara

A DESIGNAÇÃO de «palácio» aplicada aos novos e belos edifícios em que vai ser exercida a justiça, está, sem dúvida, em relação com a grandeza arquitectónica da obra. Contudo, eu teria preferido um nome diferente. Por exemplo: simplesmente tribunal, à boa moda antiga. Assim como acharia também mais apropriado que se chamasse «casa do governo» à residência de um governador, em vez de «palácio do governador». E não é de facto de esta designação ser adoptada pelos ingleses — «the

(Conclui na 4.ª página)

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

FAZER DOBRAR O DINHEIRO...

por Pedro Xavier

FARO: MORADA DE CRIANÇAS E JOVENS QUE TÊM DIREITO AO FUTURO

Nos estatutos do Asilo dos Órfãos de Santa Isabel, o artigo 1.º expressa bem um tempo que caiu no esquecimento: o Asilo é assim denominado em homenagem à memória de Isabel Cúmano de Bivar que adquiriu a gripe pneumónica, quando no exercício do cargo de presidente da comissão angariadora de donativos para as vítimas da epidemia, visitava os doentes atacados, vindo a falecer em Setembro de 1918.

Passados cinquenta anos, o Asilo entrou na linguagem da gente de Faro como Casa e é uma das poucas instituições de assistência a menores com que o Algarve conta. É uma associação, dirigida por uma comissão administrativa que abnegadamente não olha às horas para manter a Casa.

Parece que se avizinha um tempo de reestruturação educativa. Não podemos ficar indiferentes.

COM cerca de quatrocentos sócios e uma quotização mensal que toca nos oitocentos escudos apenas, esta é a morada para trinta e seis raparigas menores, que aqui vivem em regime de internato geral e educação. A maior parte dos sócios está entre a apatia e a comisseração, e nem sequer atinge o nível daquele impulso emocional que conduziu um punhado de gente generosa à fundação da Casa.

Uma sócia de dois escudos mensais, não há muito tempo, bateu ao portão e mostrou-se: «então sou sócia disto e quando preciso de uma criada nem sequer a arranjo aqui?» Eis gente que exige destinos marcados aos órfãos, eis o que de vez em quando bate àqueles portões verdes. Eis o que muita gente pensa da Casa.

No entanto lá dentro, continua-se o ofício de fazer dobrar o dinheiro e educar para a vida um grupo de raparigas que sabem rir e chorar como quaisquer outras. A despesa, essa é que não pode pas-

sar dos seis continhos. Trinta e tal bocas, trinta e tal cérebros. É da vida, fazer dobrar ali o dinheiro. Subsídios vêm de alguns lados e um acordo com o Instituto de As-

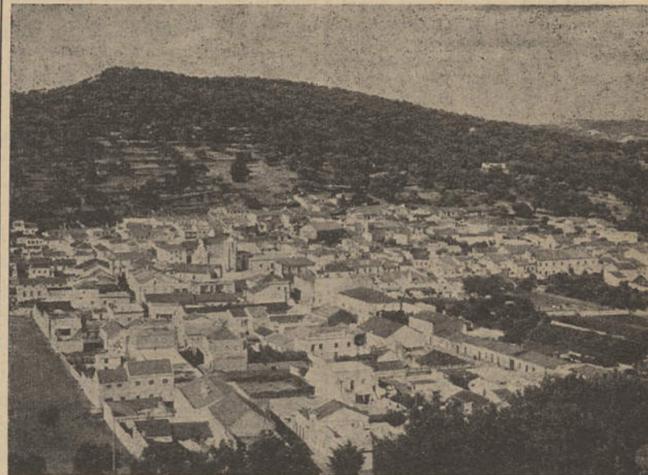
(Conclui na 5.ª página)

JANELA DO MUNDO

PAULO VI TOMA A INICIATIVA

TERMINA hoje a viagem mais longa do Papa Paulo VI, a terras da Ásia e da Oceania, através de três continentes e de sete

(Conclui na 4.ª página)



S. Bartolomeu de Messines, a populosa e progressiva aldeia que deseja ser vila, está de parabéns com o início das obras do seu jardim-escola João de Deus, aspiração de longa data que se encontra, finalmente, a caminho da concretização. Começaram já as terraplenagens da zona em que o imóvel vai ser erguido, seguindo-se-lhes os trabalhos de construção civil.

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

À saúde é a maior riqueza

VENENO INSIDIOSO

O tabaco não ataca o organismo rapidamente, mas fá-lo aos poucos, sorrateiramente, sem que o fumador o perceba. Porque é assim, o fumo actua como verdadeiro agente da «quinta coluna contra a saúde».

Não se fie nas aparências. Combata radicalmente um dos inimigos da saúde, abandonando, de vez, o vício de fumar.

NOTA da redacção

UM despacho conjunto da Presidência do Conselho e do Ministério da Saúde e Assistência estabelece um novo regime de estabelecimento e exploração dos parques de campismo.

Fica dependente da Secretaria de Estado da Informação e Turismo a assistência financeira às entidades proprietárias dos parques de campismo e aprovar os estatutos das pessoas colectivas que os desejem explorar com fins turísticos.

Também nenhum parque poderá ser instalado sem autorização prévia da Direcção Geral do Turismo.

Deste modo, parece definir-se um sistema diferente para os parques, concedendo a sua exploração a entidades particulares, embora sob a fiscalização, e até o apoio, das entidades oficiais.

Melhor ou pior do que se processava até aqui? O futuro o dirá. Este é dos tais problemas que não podem ser examinados «à priori»,

UM NOVO REGIME DE PARQUES DE CAMPISMO

apenas a experiência os pode definir e concretizar.

Até agora, podemos afirmar que, no que respeita ao Algarve, os Parques de Campismo eram insuficientes e deficientes. Mesmo o caso de Monte Gordo, que se dá como exemplo, acaba por tornar-se incapaz de resolver todos os problemas criados pelas falhas restantes.

A ausência de uma boa prole de Parques nas principais zonas do Algarve tem dado como resultado a aglomeração de campistas em Monte Gordo, o que provoca problemas de saturação em vários sentidos. Daí a necessidade de disseminação das zonas de campismo, para evitar os problemas de lotação e esgotamento que se têm verificado.

Veremos como será recebido o novo regime e que consequências terá para o melhoramento das condições existentes no Algarve.

Alves Redol foi evocado em Faro no 1.º aniversário da sua morte

Por iniciativa do Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve, efectuou-se no Teatro Estúdio, em Faro, uma sessão assinalando o 1.º aniversário da morte do extraordinário obreiro das letras portuguesas que foi Alves Redol.

rindo ambiente, foi de João Reis. Foram depois lidas páginas várias de algumas das mais conhecidas obras de Alves Redol. E encerrando a noite dedicada ao escritor há um ano falecido, efectuou-se um colóquio em que se falou da sua vida, dos seus propósitos, da sua solidariedade humana, em suma, dele autêntico — Alves Redol.

Teve muitos momentos de emoção a V Romagem de Saudade dos Antigos Alunos do Liceu de Faro

Há sempre um mitigar de saudades que mais ainda se aprofunda nestas romagens de saudade. Assim aconteceu na terça-feira em quantos participaram na «V Romagem de Saudade dos Antigos Alunos do Liceu de Faro».

Posse do novo juiz da Comarca de Vila Real de Santo António

Em cerimónia que registou a presença das mais destacadas individualidades de Vila Real de Santo António e do vizinho concelho de Castro Marim, tomou posse em 27 do mês findo o novo juiz da Comarca vila-realense, sr. dr. Agostinho de Castro Martins.

A. Leite de Noronha MEDICO Consultas diárias a partir das 16 horas Rua da Trindade, 12-1.º, Esq. FARO

Campanha a favor do hospital albufeirense

ALBUFEIRA — Deu-se início a uma campanha de angariação de sócios para o hospital local, estando a ser organizados por uma comissão, programas de variedades com artistas profissionais e amadores para obtenção de fundos que permitam a aquisição de material e equipamento hospitalar moderno.

ASSALTO AO SUPERMERCADO Foi assaltado o supermercado do sr. José Manuel Dias da Silva, no sítio das Areias de S. João, desta vila sendo levadas mercadorias no valor de 33 103\$50 em bebidas estrangeiras, bolachas, cigarros etc.

PEDIDO PARA UM NOVO CARRO DE ALUGUER Pelo sr. presidente da Câmara e vereadores foi apreciado um pedido de autorização para a colocação de um carro de aluguer, de praça, na zona das Ferreiras, petição julgada de interesse em virtude de se tratar de área em franco desenvolvimento e com falta de transportes colectivos e de ligação aos comboios.

SE... Deseja ganhar mais dinheiro mais horas disponíveis. Gosta de conviver, possui boas relações. É persistente, activo e com facilidade de argumentação e boa apresentação. Oferecemos-lhe: A possibilidade de desempenhar uma das actividades que melhor servem o público. Preparação e assistência por pessoal especializado. Experiência e prestígio duma Seguradora com mais de meio século. Responda-nos: Indicando nome, morada, habilitações e mais detalhes ao n.º 13673 deste jornal.

ECOS

Partidas e chegadas

Em viagem de turismo deslocou-se à Inglaterra, por via aérea, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. José Manuel Pearce de Azevedo, presidente da Comissão Regional de Turismo.

Doente

Encontra-se internado no Hospital Particular de Lisboa, onde se submeteu a intervenção cirúrgica que decorreu com pleno êxito, o sr. António Ramos, funcionário do Banco do Algarve em Faro.

Gente nova

Deu à luz um menino a sr.ª D. Maria José Gonçalves Meilha, professora oficial, esposa do sr. José dos Santos Lopes, funcionário da agência do Montepio Geral em Faro e colaborador do Emissor Regional do Sul.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade. Em FARO, hoje, a Farmácia Almeida; amanhã, Montepio; segunda-feira, Higiene; terça, Graça Mira; quarta, Pereira Gago; quinta, Pontes Sequeira e sexta-feira, Baptista. Em LAGOS, a Farmácia Neves. Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Madeira; amanhã, Confiança; segunda-feira, Pinheiro; terça, Pinto; quarta, Avenida; quinta, Madeira e sexta-feira, Confiança. Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Rocha; amanhã, Pacheco; segunda-feira, Progresso; terça, Ohanense; quarta, Ferro; quinta, Rocha e sexta-feira, Pacheco. Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Carvalho; amanhã, Rosa Nunes; segunda-feira, Dias; terça, Central; quarta, Oliveira Duarte; quinta, Moderna e sexta-feira, Carvalho.

CINEMAS

Em ALMANSIL, no Cinema Miranda, hoje, «Django atira primeiro»; amanhã, «O cavaleiro da rosa vermelha». Na FUSETA, no Cinema Topázio, amanhã, «Por mais alguns dólares»; terça-feira, «Um certo sorriso» e «A arma secreta»; quinta-feira, «Machado

DR. DIAMANTINO D. BALTARZAR Médico Especialista Doenças e Cirurgia dos Rins e Vias Urinárias Consultas diárias a partir das 15 horas Consultório: Rua Baptista Lopes, 30-A, 1.º Esq. FARO

Areia para construções Vende-se, de boa qualidade em local com bom acesso. Cargamento mecânico. Baixo preço. Informa telefone 30 — LUZ DE TAVIRA.

AGENDA

Alexandrino Baptista Marçal

Em Vila Real de Santo António, onde reside, faleceu o sr. Alexandrino Baptista Marçal, de 72 anos, natural de Santa Maria (Tavira), que deixa viúva a sr.ª D. Maria Pereira Horta. Era pai das sr.ªs D. Laura Horta Baptista, D. Maria Anália Horta Baptista e D. Maria Umbelina Horta e dos srs. João Marçal Horta e António Horta Marçal; sogro das sr.ªs D. Maria Lucília da Conceição Fernandes e D. Deolinda Pereira Leitão e dos srs. José António Francisco e José João Agostinho; e avô das sr.ªs D. Maria Cristina, D. Ana Maria e meninas Cristina Maria e Lucília Maria e dos meninos João José, João Luís, António Alexandrino, Francisco José, Luís Fernando e José Alexandrino.

TAMBÉM FALCEBRAM:

Em TAVIRA — o sr. João Mateus, viúvo, dali natural, pai do sr. Bernardino dos Mártires Mateus, comerciante. Em MESSINES — o sr. João das Neves Nunes, de 64 anos, dali natural, industrial de carpintaria, casado com a sr.ª D. Luísa Maria Duarte Afonso Nunes, pai das sr.ªs D. Maria Dilar da Silva Nunes André, D. Maria Adelaide da Silva Nunes e do sr. Duarte Afonso da Silva Nunes; sogro da sr.ª D. Maria Emília de Oliveira Alves Afonso Nunes e do sr. José Elisau André; e tio dos srs. Manuel e Paulo Nunes Matias.

No PRAGAL — a sr.ª D. Maria Nogueira Raimundo, de 73 anos, natural de Loulé, mãe dos srs. Leonel Pedro Nogueira do Carmo e Júlio Nogueira.

Em ALMADA — a sr.ª D. Catarina dos Santos Cantinho, de 94 anos, natural de Silves, professora oficial, aposentada.

o sr. Geraldo da Conceição, de 64 anos, corticeiro natural de Silves, casado com a sr.ª D. Maria José Nunes. — a sr.ª D. Vitória do Carmo, de 66 anos, natural de Lagoa, casada com o sr. Manuel da Silva, mãe das sr.ªs D. Benvidinha do Carmo Silva Guinot, D. Maria de Lourdes do Carmo Silva de Almeida e D. Irene do Carmo Silva Cruz, e do sr. Bernardino José do Carmo Silva.

o sr. Joaquim da Silva Mimoso, de 69 anos, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Oliveira Mimoso e pai das sr.ªs D. Esmeralda, D. Susete e D. Maria Teresa de Oliveira Mimoso e do sr. Torcato Oliveira Mimoso.

Em LISBOA — o sr. Joaquim Caetano, de 74 anos, comerciante, natural de Lagos, casado com a sr.ª D. Júlia da Glória Barata Caetano.

o sr. Joaquim Laranjeira, de 60 anos, natural de Lagos, sargento do Exército.

o sr. José António da Glória, de 69 anos, viúvo, natural de Aljezur.

o sr. Joaquim da Encarnação Simões, de 56 anos, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Silvestre.

o sr. José Gonçalves, de 60 anos, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Maria Isabel Correia.

o sr. D. Rosa Maria do Carmo Clemente Ernesto, de 38 anos, natural de Faro, casada com o sr. César da Fonseca Ernesto e mãe da menina Elizabeth do Carmo Clemente Ernesto.

o sr. D. Maria Augusta Rodrigues Jorge, de 80 anos, viúva, natural da Mexilhoeira Grande, Portimão, mãe da sr.ª D. Regina Jorge Rocha Cabrita, e sogra do sr. dr. Eugénio Francisco Rocha Cabrita.

As famílias enlutadas apresentam Jornal do Algarve, sentidas pesames.

A sua opinião é que conta mas PERMITA QUE O ACONSELHEMOS Em loijas e vidros a CARAVELA vai à frente. Rua Teófilo Braga, 56 — Vila Real de Santo António.

MOTORES INDUSTRIAIS, MARÍTIMOS E GRUPOS DE REGA FARYMANN EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIO, LDA. ACEITAM-SE AGENTES NOS CONCELHOS LIVRES

Visita ao Algarve de um grupo de formação profissional da América do Sul A convite da Secretaria de Estado da Informação e Turismo deslocaram-se ao Algarve 26 elementos de um grupo de formação profissional turística da América do Sul e Central. Chefiava a comitiva o brasileiro Whitaker Pentafido e durante a permanência no Sul foram acompanhados por dirigentes da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve. Neste estabelecimento, que visitaram demoradamente, foi-lhes servido um almoço. Depois percorreram toda a zona turística da Província.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

AGRADECIMENTO FRANCISCO DO PATROCÍNIO

Sua família na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde e que o acompanharam até à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhes manifestaram o seu pesar.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

AGRADECIMENTO MANUEL GONÇALVES

Sua esposa, filhos, noras e restante família, vêm por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhes testemunharam o seu pesar.

AGRADECIMENTO

Sua esposa, filhos, noras e restante família, vêm por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhes testemunharam o seu pesar.

LOTAS

De 23 de Novembro a 2 de Dezembro

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Table with 2 columns: Lot name and Price. Includes Retrega, Alacrim, Liberta, Diamante, Pérola do Guadiana, Lestia, Ilha do Sonho, Flor do Sul, Garotinho, Sul, Norte, Maria Rosa, Audaz, Infante, Conceganita, Leste.

ALADORES PURETIC

De 25 de Novembro a 2 de Dezembro

OLHÃO

TRAIINEIRAS: Pérola Algarvia, Fernando José, Vandinha, Ilha de Sonho, Costa Azul, Amazona, Conceganita, Nova Esperança, Restauração, Norte, Lurdinhas, Brisa, Salvadoria, Liberta.

MOTORES INTERNATIONAL

De 25 a 30 de Novembro

QUARTEIRA

Artes diversas 43 594\$00

BELLATRIX ESPECIAL

Alimentação Transistorizada

De 30 de Novembro a 2 de Dezembro

LAGOS

TRAIINEIRAS: Zavial, Abeluz, Marisabel, Sr.ª da Encarnação, Satúmia, Brísamar, Nova Doris, Sagres.

BOMBAS DE PEIXE MARCO

Os bombeiros municipais de Faro completaram 88 anos de existência. Ocorreu o 88.º aniversário da Corporação dos Bombeiros Municipais de Faro, toda uma vida dedicada a servir o próximo. Devido às grandes obras de remodelação que se processam no seu quartel, as habituais comemorações foram transferidas para data a fixar.

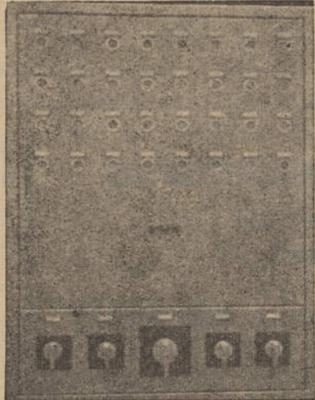
H. PIMENTA DE CASTRO MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DA BOCA E DENTES PRÓTESE DENTÁRIA Consultas a partir das 15 horas — excepto sábados — CONSIDERA-SE A URGÊNCIA CONSULTÓRIO: Rua Dr. João Lúcio, 17-1.º — OLHÃO

Venda de Natal em Faro A favor da Associação Algarvia dos Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais, obra que bem merece o apoio e interesse de todos, inaugura-se hoje uma venda natalícia. A mesma está patente no antigo posto de informações da Comissão de Turismo em Faro, no cruzamento das ruas da Marinha e Ivens.

SERVICE OFICIAL DIESEL BOSCH — CAV — SIMMS PESSOAL ESPECIALIZADO MAQUINAS ELECTRONICAS EXECUÇÃO RÁPIDA Ao seu dispor nas OFICINAS ARMANDO DA LUZ ZONA DO DIQUE — Tel. 2405 PORTIMÃO

Fomento do turismo escandinavo para o Algarve

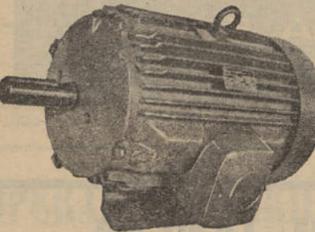
A convite da Casa de Portugal em Estocolmo, visitaram o Algarve cinco directores da principal agência de viagens escandinava — a Vingressor. Acompanhou-os o jornalista César Faustino, director do Centro de Informação e Turismo de Portugal na Escandinávia. O objectivo da visita foi o contacto com a região sul, tendo em vista o incremento do turismo nórdico para o Algarve.



BOBINAGENS: de todos os tipos de máquinas eléctricas.

FABRICO: de quadros eléctricos de todos os tipos.

MONTAGENS: de Alta e Baixa tensão.



HIDRÁULICA: montagens hidráulicas de todos os tipos. Bombas, captações, tratamentos de água.

MECÂNICA: Construções e reparações.

Gabinete de Estudos e Projectos

STAND: Exposição e venda de máquinas e peças de substituição.

Electro Mecânica de Lagos
de Eng. Baptista Gomes
Oficinas Stand

R. da Laranjeira, n.º 12

R. Cândido dos Reis, n.º 23-25

ESPAÇO DE TAVIRA

A DOCA DE RECREIO

O TEMPO terá sido o grande e principal culpado desta nossa ausência das colunas do Jornal do Algarve. Não o tempo que faz (felizmente para os agricultores, já chegou...), mas no seu factor de medida e na proporção da sua falta.

Da nossa parte, evidentemente, apresentamos as naturais desculpas aos leitores do «Espaço de Tavira», se ainda os temos, pela ausência intempestiva de algumas semanas. Mas, embora adormecida, esta coluna não se divorciou dos interesses de Tavira, dos anseios, das necessidades, da referência aos problemas que a cada momento se deparam à nossa cidade, da crítica sempre intencionalmente construtiva, da satisfação pelas melhorias que vão surgindo.

É verdade que durante este nosso interregno se verificou a venda dos vinte e quatro hectares da parte desafectada da ilha de Tavira, sendo igualmente certo que tal facto terá as suas especiais e gratas incidências no futuro da região. O necessário é aguardar calmamente que o pólo do interesse constituído pela zona balnear, faça convergir para a cidade indústrias e comércio subsidiários, melhores redes de saneamento e de vias de comunicação, como está prometido, um conjunto de condições que a transformem naquilo que vale como estância de turismo, ou como local para se viver permanentemente. Todos esperamos, portanto, que isso aconteça e todos teremos a calma de que essa espera irá revestir-se.

A parte o problema e aquilo que irá ser feito na ilha de Tavira — que nos merecerá, para breve, atenção mais

cuidada e pormenorizada, — aparecem sempre outros assuntos a carecer de apreciação. E este de que lhes queremos falar hoje, está afinal intimamente ligado com a ilha, a praia e o veraneio.

Trata-se de uma pequena doca de recreio, pedida por inúmeros proprietários de barcos, inicialmente, ao que julgamos saber, pretendida para a Joz do Gilão, junto à conhecida «Esplanada do Encalhe». Não poderemos atribuir-lhe um valor estatístico para se conhecer exactamente o número de possíveis utentes, mas a quantidade de embarcações paradas de recreio que temos visto circular durante o Verão, os barcos encalhados durante o Inverno por esse rio fora, em deficientes condições, sujeitos a abaloamentos com os de pesca que andam na sua faixa, além do crescente interesse na aquisição de novas unidades, por muitos particulares, levam-nos a abordar este assunto no «Espaço», trazendo-o mais à luz da publicidade, ao conhecimento dos tavienses ou de entidades possivelmente ligadas à construção do abrigo.

As vantagens são por demais conhecidas. O local, pelo que parece, terá fácil acesso rodoviário e, segundo alguns entendidos na matéria, a abertura de uma pequena doca de recreio não custa por aí grande verba. Relativamente, claro...

Sabemos que existe em Tavira um clube desportivo com secção náutica — o Ginásio. Que os filiados nessa secção vão, como dissemos, aumentando de dia para dia. Que durante o Verão, são inúmeros os que, passando aqui as suas férias, trazem atrelado um barquinho de 5 ou 6 metros com o respectivo motor. E tendo tudo isso em atenção, aqui fica, finalmente, a nossa ideia (que não é nossa mas sim dos interessados que

FUNCIONALISMO PÚBLICO

O sr. dr. Manuel Nuno de Sequeira Sampaio da Nóvoa, juiz de Direito de 3.ª classe, na comarca de Vila Real de Santo António, foi transferido, como requereu, para a comarca de Póvoa de Lanhoso, tendo sido colocado em sua substituição o sr. dr. Agostinho de Castro Martins, que exercia o cargo de juiz auxiliar na comarca de Porto de Mós.

Passaram à situação de aposentados os srs. João Pedro Pião e Joaquim Pereira, respectivamente guarda-livros e cobrador-leitor dos Serviços Municipalizados da Câmara de Lagos.

Aos Contribuintes

Contabilista-Técnico de Contas inscrito na Direcção G. C. e Impostos, com 18 anos de prática, tem organizado e executado escritas comerciais e industriais (incluindo hoteleira) em diferentes explorações. Sistemas modernos, leis fiscais e de trabalho, esclarecimentos úteis a todos e consultas grátis. Oferece-se em part time ou full time, para o Algarve.

Resposta a este jornal ao n.º 13 596.

no-la fizeram notar). Pode ser que a Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve já tenha, até, na sua «agenda» a inscrição deste assunto. Se assim acontecer, vamos lá, façam a docuzinha, sim?! Tavira, naturalmente, promoverá a sua utilização.

L. H.



O empréstimo que não vem

LESE na folha primeira do Plano de Actividade e Bases do Orçamento do Município olhanense para 1971, no capítulo «Finanças»: «Empréstimo — Embora há mais de 2 anos tivesse sido solicitado, ainda se não conseguiu a sua realização». E já na derradeira folha — Base VII — «Empréstimos — Continua a aguardar-se que as entidades competentes autorizem a concessão do empréstimo solicitado há mais de 2 anos».

E nós, sem nada percebermos de finanças oficiais (que neste sector apenas conhecemos as finanças domésticas) pasamos, boquiabertamente e em ar de dúvida (de pronto desmentida por se tratar de uma comunicação oficial) indagamos: — Dois anos?

— Exacto, dois longos períodos de 12 meses, aguardando que o pedido de empréstimo seja deferido ou indeferido. Pergunta-se:

— Se o pedido foi feito, destinava-se a possibilitar obras de fomento concelhias, destinava-se ao progresso de Olhão, era para bem da comunidade, em suma, tornava-se urgente e necessário?

Ao que nos consta, o Município deve merecer crédito e, se assim não acontecesse, se a sua vida financeira andasse tão por baixo que o crédito não fosse de conceder (o que, repetimos, parece estar fora de causa), é porque precisava do auxílio do Governo para uma acção imprescindível em prol do fomento sócio-económico.

Uma outra premissa se coloca ainda em torno deste assunto: o dinheiro, cujo empréstimo o Município de Olhão há dois anos solicitou, destinava-se a custear obras da maior importância no sector das infra-estruturas concelhias.

O tempo tem passado e as obras, por carência financeira, não têm, por certo, sido na íntegra executadas, com prejuízo e considerável para a promoção sócio-económica das populações visadas, que deve constituir a preocupação maior do escol dirigente.

Volvidos dois anos sobre o pedido de empréstimo, considerados todos os pormenores em que a operação implicava, parece-nos tempo mais que suficiente de terminar com este clima de espera. Ou teremos de aguardar o plano para 1972, para nele termos: «Embora há mais de 3 anos tivesse sido solicitado um empréstimo, ainda se não conseguiu a sua realização?»

Maria Armada

Cantinho de S. Brás...

Fazer bem sem olhar a quem

As instituições que têm por divisa — correr infelizes em notórias dificuldades materiais na doença e velhice desvalida, merecem incondicional apoio, respeito e colaboração. É um sagrado dever assegurar por todos os meios a sua regular manutenção, para que cumpram com eficiência a missão altruísta. Ninguém pode cuspir para o ar, afirmando que dispensa os seus serviços humanitários.

Quem possui muito dinheiro, julga-se a coberto de todas as trações da vida. Para talice, frente aos caprichos da sorte. Realismo é o tal «soberano senhor, que compra e vende as consciências» segundo o critério do nosso saudoso amigo Brito, ainda mantendo e manterá nos tempos próximos o ceptro da realce, que desbrava dificuldades, abre caminhos e marca indelevelis posições de privilégio. É chocante, na verdade, o seu poderoso reinado na época em que vivemos. As desigualdades que geram uns, senhores omnipotentes e outros lamentáveis caricaturas humanas, são uma nódoa social. O numeroso pelotão de infelizes nessas penosas circunstâncias, impõe que nos detracemos sobre as suas dificuldades, tentando anulá-las sem que se mostre desdém ou altivez. Basta-lhes o complexo da precária situação económica e dos fami-

liares entregues ao infortúnio, imponentes para enfrentar com dignidade a situação.

Quando se carece dos serviços assistenciais, eles devem actuar sem distinções de qualquer espécie, conferindo-se imediata prioridade a casos susceptíveis de apaziguar a opinião pública, evitando comentários propícios a climas de controvérsia.

As nossas instituições têm no activo excelentes provas da sua capacidade e independência. Mas certas vezes há atitudes que poderiam ser evitadas para se manter intacto o seu prestígio tradicional. O princípio básico da acção, sintetiza-se neste simples provérbio: o sol quando nasce é para todos. Além disso, a assistência deve ser discreta, rápida e precisa, resolvendo com urgência todos os casos do dia a dia e evitando alardes. Se os nossos semelhantes a ela recorrem, tímidos e emergonhados, desejando que ninguém os veja, é porque carecem com certeza dos seus serviços.

Quem dá, parece-se com Deus. Mas no capítulo social, provérbios embroam-se e desactualizam-se com impressionante rapidez.

Mas, não somos todos irmãos? Uns pobres, outros ricos ou remediados, a verdade é que o somos. E como tal, na desgraça, impõe-se o dever de nos assistirmos mutuamente, quer em circunstâncias de moral que em nome dos preceitos secularmente ligados aos sentimentos cristãos.

Que deprimente, observar-se em plena via pública, infelizes aos tombos de amido para o outro, normalmente à cata de uma assistência que legalmente não é considerada indispensável para a boa regularização dos serviços. No entanto, o requerente patenteia uma sina cruel e miserável, que é porta aberta a salamandras, de tanta preferência para certos indivíduos, mas contrária à beleza dos sentimentos de humanidade. No café, na farmácia, na mercearia ou no meio da rua, não será conflagrador observar-se intenções iniludíveis de evidência, ao escarrapachar-se uma assinatura, enquanto o «pobre diabo», de chapéu cocado na mão e lacrimosamente se desfaz em humilhantes mesuras?

Quem administra o património comum não deve exibir a impressão de que é pródigo benfeitor, de que é seu o óbolo, e não da instituição que representa, nem assumir atitudes que possam induzir em erro. Esse erro, que não tem de ser desfeito com inequívoca e solene clareza. O património com que se assiste aos nossos semelhantes, é de todos os que contribuem materialmente para esse fim. Consequentemente, quem o distribui ou nele superintende é uma entidade designada por votação ou nomeação superior, que recebe e mantém este estojo moral e qualidades comprovadas para desempenhar esse cargo, aliás espinhoso, reconhecemos.

São estas as normas elementares para quem está encarregado de orientar bens públicos. Quem se dirige aos seus administradores e «ladros», é porque se debate com problemas embaraçosos, de doença, fome, etc. Indagar previamente se o candidato possui uma gaiola para meter as orelhas e à sua prole, ou umas «embalgas» de terra que mal dão para um burro se espalhar e, em caso afirmativo, dar-lhe a hipótese de as pôr no prego ou na penhora, parece-nos uma barbaridade.

Vem a propósito perguntar: Os corpos directivos das instituições de assistência têm mandatos perpétuos? Não será viável dar uma oportunidade aos valores que surgem? Se normalmente são os mesmos pelas décadas fora, haverá eleições? Serão estas válidas por longos anos? Somos leigos em matéria tão delicada, mas parece-nos que renovar os quadros e arcaizá-los periodicamente, seria uma medida a considerar.

F. Clara Neves

Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

Serviços de Planeamento de Instalações
Construção do edificio-sede da Casa do Povo da Alte

Faz-se público que até ao dia 29/XII/70 e, na Delegação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência do Distrito de Faro se recebem propostas para a arrematação da empreitada de construção do edificio sede da Casa do Povo da Alte sendo o preço base Esc: 1 483 060\$00 (um milhão quatrocentos e oitenta e três mil e sessenta escudos).

Dentro do referido prazo que termina às 17 horas do dia mencionado, o programa do concurso, caderno de encargos e projecto encontram-se patentes, todos os dias nesta Delegação, na sede da Casa do Povo e também nos Serviços de Planeamento de Instalações da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família, sitos na Avenida da República n.º 47-7.º em Lisboa. Dentro da primeira metade do referido prazo e nos termos em vigor, todos os esclarecimentos necessários à boa compreensão e interpretação dos elementos patenteados, serão prestados pelos Serviços de Planeamento de Instalações, por escrito e a pedido também por escrito dos interessados.

As propostas para concurso, deverão ser entregues contra recibo ou enviadas pelo correio sob registo e com aviso de recepção até ao último dia do prazo. A abertura das propostas terá lugar às 16 horas do dia 30/XII/70 na Sede da Delegação.

A DIRECÇÃO

PORTO LISBOA FARO

DECORAÇÃO REVESTIMENTOS EQUIPAMENTO

SOPAL **SOPAL**

Praça Alexandre Herculano, 37 — FARO

PILULAS DE ALHO ROGOFF

EXTRACTO CONCENTRADO DE ALHO FORTE



CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.

PREPARADO POR: M. WOELM. ESCHWEGE (Alemanha-Occidental)

A VENDA NAS FARMÁCIAS

FRASCO COM 180 PILULAS

Representantes para Portugal: CREFAR — R. DA MADALENA, 171-2.º — LISBOA

ANDARES

Vendo belíssimos andares, em local de futuro. Tratar com: José de Sousa Pereira — Estrada da Pehna, 180-1.º — Tel. 24499 — FARO.

VINHOS PARA ENTREGA NO ESTRANGEIRO

Costa Pina & Vilaverde, Lda.

A GARRAFEIRA MAIS BEM SORTIDA DE PORTUGAL

PORTO

ESCRITÓRIOS: R. do Bonjardim, 420 — Telef. 32228, 26562, 24943, 35221 e 37222

ARMAZEM: R. da Estação, 105 (a Campanhã) — Telef. 57396 e 57398

COIMBRA Largo do Mercado, 40
Telefone — 27489

FARO Telefones — 24060 e 23664

Tem a honra de informar que se encontra, desde já, apta a fazer entregar no estrangeiro a melhor gama de Vinhos do Porto, de Mesa e da Madeira, pelo que aguarda que as prezadas ordens da sua selecta clientela lhe sejam confiadas com a maior antecedência possível por forma a garantir que todas as entregas sejam efectuadas aos respectivos destinatários como convém, antes das Festas do Natal.

Países onde, nomeadamente, essas entregas poderão fazer-se: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Holanda, Irlanda do Sul, Suíça e outros.

CONVERSA LIGEIRA

(Concluído da 1.ª página)

government house» — que justifico a minha preferência. Isto seria abdicar de opinião própria. A minha preferência justifico-a por essa mesma simplicidade a que atrás me referi.

Dir-me-ão que é uma questão de gosto e que os gostos não se discutem. E, sem dúvida, uma questão de gosto, mas fundamentada nalguma razão. E quanto a não se discutirem os gostos, dizer isto, não passa de lugar comum. Os gostos podem e devem ser discutidos; de contrário, nem teria sentido falar-se em «educação do gosto». Ora, se existe, de facto, uma coisa que se chama educação do gosto, é porque existe, necessariamente, outra que permite realizar essa educação, isto é, um critério estético de apreciação e julgamento em que o processo dessa educação possa basear-se. Sem este critério não seria possível classificar e distinguir qualquer escala de valores, quer em obras de arte, quer em obras literárias, quando estas, por sua natureza, possam e devam ser também consideradas criação artística. Sem este critério não se compreendia como podia um júri atribuir prémios em concursos de obras de arte; tratando-se apenas do gosto de cada um dos membros desse júri, qualquer decisão seria arbitrária, sem poder basear-se em coisa alguma.

Claro que o lado subjectivo referente ao gosto é um elemento importante nestas classificações que, por sua natureza, diferem do certo e errado que só tem lugar no domínio das matemáticas; mas nem por isso elas poderiam ser estabelecidas se, para além do gosto não houvesse outros elementos de apreciação. A negação deste critério — como a negação do valor do estilo na obra literária — representa uma atitude cómoda muito em voga, aquela atitude que permite o acesso de mediocres a domínios que outrora lhes estavam vedados. Mas negando a existência desse mesmo critério de apreciação, não pode pretender-se o reconhecimento do valor da obra; esta ficará como coisa que só o seu autor poderá sentir e entender. Por outras palavras: destituída de comunicação com o outro, deixará, por essência e definição, de ser obra de arte. Incompreendido por muitos, aquele que se intitula artista, acusá-lo-á então de não estarem à altura de o sentir e compreender. Chamar-lhes-á «botas de elásticos», carecidos de gosto e sensibilidade — e é esta a razão que obriga muitos outros a fingir que o percebem e o admiram. Um mero joguinho de vaidades. Mas isto é outra história. Voltemos aos nossos palácios.

Uma das regras estéticas fundamentais que permite julgar o valor de determinada obra é a que diz respeito à clareza e simplicidade. Simplicidade que parece fácil quando executada, mas bem difícil de conseguir. Não devemos confundir-la com vulgaridade. Anatole France, numa imagem feliz, comparou-a à cor branca — síntese de todas as outras que compõem o espectro solar.

Vem isto a propósito da palavra «palácio». Em si mesma ela apresenta-se simples como tantas outras; designa determinado tipo de edifício e não passa daquilo que gramaticalmente se classifica como substantivo. Não parece, portanto, haver motivo para a rejeitar, no caso de que estamos falando. E isto seria assim, com efeito, se o significado das palavras fosse estático e imutável. Tal não acontece. Esse significado é acrescido pela experiência e pode ganhar novo e mais amplo sentido, adquirindo um poder de sugestão que lhe foi dado pelos factos dessa mesma experiência, e imagens que esta evoca. Neste caso, a palavra palácio, imediatamente sugere qualquer coisa de mundano a que está associada, e que não liga com a austera sobriedade inerente ao conceito de justiça. Há nela imagens de fausto, ostentação de grandeza, pavilhões de feira, palace-hotéis, luxo, exibicionismo e gosto burguês. É esta a associação de imagens que a palavra palácio me sugere.

As palavras, como certas expressões verbais, podem até tornar-se intoleráveis pela constante e monótona repetição, pelo uso e abuso que delas se faz, constituindo como que um vício de linguagem que redundam em pobreza de expressão. Estão actualmente neste caso, o *aláís*, a *contestação*, o *válido*, a *conjuntura*, o *quer dizer*, o *ao fim e ao cabo*, e o *na medida em que*. E ainda a palavra *juvens* que, de tanto escrita e ouvida já vai saturando.

O gosto palaciano, peculiar do nosso temperamento, meridional e latino, tem-nos dado, desde remotas épocas, certos hábitos e costu-

mes que sempre causaram estranheza aos que pela primeira vez nos visitam. Tenho na minha estante um velho livro em que os habitantes da Ilha da Madeira, em determinada época, são assim descritos: «— *Conservam os costumes antigos de Portugal e assim, conhecem-se neles aquela gravidade e compostura que parecem frequentemente aos estrangeiros, objectos de mofo, e usam de vestido preto, de espada, e outros adereços, reputados por compostura.*»

É uma apreciação que não deixa de ter o seu interesse. Não usamos hoje a espada, mas conservamos o espírito de cavalaria que a fazia usar. Não nos falta ar senhoril e um certo sentimento de importância — sempre mais evidenciada e exibida naqueles que intrinsecamente não possuem nenhuma. Admiramos aquilo a que os jornais chamam individualidades e altas personalidades. E desejariamos ser também um desses senhores, não por seu mérito mas pelo lugar de destaque que ocupam na sociedade. É certo que neste pormenor todas as raças se assemelham. E John Ruskin, em «*Sesame and Lilies*», faz precisamente a mesma observação: «*Desejamos entrar na boa sociedade, não para a ter, mas para podermos ser vistos nela.*»

Uma outra opinião, mais recente, emitida por um estrangeiro a nosso respeito, foi a de um tal senhor Pierre Goujon, funcionário do Ministério das Finanças, de França que, visitando Lisboa há três anos, e entrevistado, assim se manifestou: «*Ficámos impressionados por ver toda a gente — até os jovens! — de gravata.*»

Não era caso para o senhor Goujon se impressionar tanto. Contudo, o seu reparo, mostra que não lhe passou despercebida certa aparência solene do nosso português valente. Tudo tem o seu lugar, é certo. E o que importa é que o homem seja tão natural e esteja tão à vontade, de fato de ganga, como de casaca — e sobretudo que saiba distinguir onde deve usar uma coisa ou outra; o que nem sempre acontece.

Notando a solenidade que nos é peculiar, o senhor Goujon tocou, sem se aperceber, na corda sensível — algo que sempre nos dominou com força terrível: o parece bem e o parece mal. Estas coisas às vezes andam trocadas na apreciação pública, e muitas das que deviam parecer mal, nem são notadas; por exemplo, atirar lixo para as ruas, falta de pontualidade, trocar o mérito por cunhas e empenhos, dar e aceitar presentes para deixar passar qualquer coisa que não devia passar. E assim por diante. Em compensação, há outras que parecem mal sem se saber porquê. Estou a lembrar-me do que me contou um dia um amigo meu que muito admiro (sem admiração não pode haver amizade) e que, em certa altura da sua vida, exerceu o cargo de juiz numa terra de província. Um seu colega, de hierarquia superior, encontrando-o na rua, em cabelo, mostrou-se escandalizado: «— É incrível! Um juiz sem chapéu!...». Respondeu esse meu amigo, que não descobria por esse facto qualquer inconveniente, achando que seria muito pior, um juiz sem cabeça.

Damos, com efeito, mais importância ao chapéu do juiz do que à sua cabeça, ao aspecto exterior das coisas, do que à sua própria razão de ser, sua utilidade ou lado prático. E daqui resulta que gostamos de fazer em grande. Temos um exemplo aqui mesmo, no turismo algarvio, para o qual já tem sido por muitos, chamada a atenção: o luxo dos grandes hotéis para milionários, em contraste com a pobreza dos alojamentos para todos os outros que o não são, e constituem a maioria que nos visita. Faz-se o grandioso palácio — há baixos-relevos, pinturas murais, mas não se acabam as retretes, nem se resolvem os pequenos problemas — por exemplo, o tal problema do lixo. Ouço agora falar numa campanha para construir piscinas nas escolas. Acho bem, até porque entendo que o ensino de natação devia ser obrigatório. Simplesmente o que é preciso é não esquecer que uma piscina precisa de água. Digo isto porque se tal sucedesse, não seria a primeira vez. Assim como não deve esquecer-se, quando se instala um sistema de aquecimento em qualquer edifício, que é preciso combustível. O que também não seria caso inédito. Todos conhecemos a torneira de água quente que só deita fria. Neste aspecto de falta de sentido prático, o exemplo mais interessante e que me foi narrado, por pessoa que me merece todo o crédito, é o de uma escola primária em certo recanto da província, que não tinha retretes. A velha professora não des-

cansou enquanto não conseguiu esse melhoramento. Mas a velha professora deixou a actividade do serviço e foi substituída por outra, nova. Esta considerou que era uma pena estragar-se coisa tão luxuosa, e fechou aquelas instalações à chave.

Até nas sucessivas emissões de selos postais e nas dimensões descomunais de alguns desses selos, se revela a falta de sentido prático aliada ao gosto da ostentação. Se o sujeito que vai comprar um selo, tiver já o envelope endereçado, terá que o rasgar e fazer outro, porque o monstro filatélico não lhe vai caber no canto superior direito como manda a boa norma. «— Não faz mal ponha-o em qualquer parte» — disse-me uma vez uma senhora dos correios, com um sorriso benévolo perante a minha esquisitice.

Temos também, muito nossa, além dos vinhos do Porto, do Fado e dos galos de Barcelos, dos melões de Almeirim, e da vitela de Lafões, uma coisa que mais nenhum país possui: uma Filosofia — uma Filosofia Portuguesa. Os que possam ter julgado que filosofia não tem nacionalidade, e que tudo se passa entre o homem, onde quer que haja nascido, e o mundo que o cerca e ele procura compreender, fiquem sabendo que andavam enganados. Grécia, Alemanha, Inglaterra, França, têm filósofos mas não têm uma filosofia. Nós — exceptuando um certo judeu de vaga ascendência portuguesa e que nem por cá viveu, o cartesiano senhor Espinosa — não temos filósofos. Mas em compensação temos uma Filosofia. Já é ser importante.

Enfim, o exemplo mais fantástico desta importância de «self-service» — que cada qual a si próprio pode atribuir-se — encontrei-o há muito tempo, em época em que os governos se sucediam, como acontece hoje com as emissões de selos. Veio parar-me às mãos um

ETP 9



MERCEDES-BENZ
MOTORES
DIESEL

GRUPOS ELECTROGÉNEOS DE 14% A 245 KVA

REPRESENTANTES

MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.

ESCRITÓRIOS • ARMAZÉNS • OFICINAS • SALÃO DE VENDAS
AV. 24 DE JULHO, 54 A.G. — LISBOA — TELEF. 66 77 94/8

Têm início no próximo mês as novas construções na ilha de Tavira

(Conclusão da 1.ª página)

esquadra da polícia, parques, etc. no primeiro caso, água, luz, esgotos, estradas, etc., no segundo. A encerrar o seminário de supervisores, os directores da Soterra, srs. Henri Oppenheim e José Pinto Lello, garantiram ao sr. eng. Afonso Valla a continuidade do apoio e a

cartão de visita que ostentava, por debaixo do nome da pessoa a quem dizia respeito a seguinte elucidação, também impressa: «ex-ministro».

A. Santa Clara

necessidade de empreendimentos deste valor no País.

A representação no Algarve dos interesses da Soterra, organização de vendas dos empreendimentos na praia da Falésia (Aldeia das Açoteias) e em Tavira (praia da Ilha), está entregue à empresa Centeco, cujo gerente sr. Fernando da Silva Alves, acompanhou os trabalhos que decorreram na capital.

30\$00

Por esta importância e neste espaço. Dê a conhecer as suas transacções a milhares de leitores.

Vende

Casa tipo vivenda, 14 divisões, grande varanda e quintal. Área total 334 m². Rua Caçadores 4, n.º 4 — FARO.

MARISCOS VIVOS
De várias espécies, em aquários.
Especialidade da casa: Camarões grelhados na chapa e Lagosta na brasa.
CAFÉ RESTAURANTE CENTRAL
Telefone 65230 — QUARTEIRA

ESTA CHAVE
← Northwest Holst
ABRE A PORTA DUM FUTURO PRÓSPERO E FELIZ

... Na Aldeia do Golf, ao lado do mais belo campo de golf do Algarve... Em Vilamoura* é a chave para a porta da sua casa na Aldeia do Golf que, em breve, terá uma simpática piscina e acolhedor centro comercial.

Dos oito tipos de moradias à venda um, estamos certos, é exactamente o que lhe convém, assegurando-lhe uma fonte de rendimento e prazer.

Pensando em si, obtivemos facilidades de crédito únicas.

Não perca a oportunidade de beneficiar de preços especiais, devolva hoje mesmo o coupon para:

Aldeia do Golf
Edifício do Hotel Eva
FARO — ALGARVE
Tel. 008-240501

ou Aldeia do Golf
Vilamoura
Boliquireme — ALGARVE
Tel. 008-65272

Queriam enviar-me imediatamente

- Literatura sobre uma moradia com quartos.
 Preços especiais válidos até 31 de Dezembro de 1970.
 Condições para uma visita sem encargos para mim.
 Informações sobre facilidades de pagamento.

Marque com X o que lhe interessar

Nome: _____

Profissão: _____

Morada: _____

* Outras atracções de VILAMOURA incluem centro hípico, picadeiros, campos de ténis, instalações balneares, estalagem, restaurantes e bares.

Terrenos para Construções

Prédios de Rendimento e Andares

Em nova urbanização, servidos por transportes colectivos, com grande futuro.

VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA
Estrada da Penha FARO

JANELA DO MUNDO

(Continuação da 1.ª página)

mares, viagem de importante significação para a Igreja e para o seu actual sentido ecuménico.

Jornada em que tocou em nove países e que deu oportunidade ao Pontífice de expor, uma vez mais, o seu pensamento acerca dos principais problemas que o preocupam: a paz, a pobreza e a fé.

Para o Papa, cuja saúde é precária, foi uma viagem perigosa e esgotante, cheia de discursos, de preocupações, de vigílias, iniciada pelo espectáculo horrível do catástrofe no Paquistão Oriental.

Antes de partir do Vaticano, Paulo VI desencadeou uma autêntica «revolução» no seio da Igreja ao publicar um «motu proprio» que provocou o desagrado de muitos cardeais e críticas inesperadas. Os mais salientes foram Tisserant e Ottaviano, duas das figuras mais em evidência da Santa Sé, o primeiro dando até a entender que aquela lei fora uma espécie de testamento do Papa.

Ao proclamar que depois dos 80 anos os cardeais deixariam de participar na votação papal, Paulo VI atingiu várias eminências em todo o Mundo, incitando-as, automaticamente, a afastarem-se dos seus cargos.

Afirmam os comentadores que a intenção do Papa é evitar que o seu sucessor seja italiano, obrigando à maior possibilidade dos cardeais que surgiram do Concílio Ecuménico. De qualquer modo, o «motu proprio» desagradou a alguns cardeais, nomeadamente os atingidos pela nova lei.

Embora qualquer deles possa ser eleito Papa, isso tornar-se-á pouco provável porque com a sua atitude o actual pontífice parece excluir do governo da Igreja os octogenários. Por não os considerar suficientemente activos? Ou convenientemente actualizados às necessidades do nosso tempo? Talvez pelas duas razões.

Com a sua decisão, Paulo VI promove uma viragem no seio da Igreja que só a eleição do seu sucessor poderá vir a definir. E decerto a sua viagem, as suas afirmações e os seus recentes contactos com a Cortina de Ferro estão ligados a essas novas directrizes que parecem surgir no Vaticano, mas que encontram uma resistência tenaz por parte de alguns bispos conservadores.

No entanto, a Igreja da época que vivemos, se pretende subsistir à revolução social destes tempos, tem de encontrar um novo caminho, uma adaptação aos homens e aos factos dentro de uma realidade evidente.

Paulo VI é bem o Papa deste período de transição e é natural que ele esteja a desencadear uma autêntica «guerra civil» no seio da Igreja.

Mateus Boaventura

Emílio Campos Correa
MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Ortópica (ginástica ocular) - Lentes de Contacto

Consultas: Rua de Sto. António, 49-1.º Dto. — FARO

Contabilista

Oferece-se com conhecimentos contabilidade hoteleira e outras. Travessa Cerro Malpique, 20 — ALBUFEIRA.

O seu caminho certo
A NOIVA

ENXOVAIS COMPLETOS PARA NOIVAS E BÉBÉS
NOVIDADES-CONFECÇÕES
MALHAS-CAMISARIA
LANIFÍCIOS
COMPLETO
RETROSEIRO

Pronto a vestir para A sua nova Casa de Modas

NOIVAS, SENHORA, HOMEM E CRIANÇA

A NOIVA espera e agradece a sua visita
A NOIVA, de João Luís & Rafael, Lda.
Rua José Pires Padinha, 46 (frente ao Mercado)-TAVIRA-Tel. 309

Faro:
Morada de crianças e jovens que têm direito ao futuro

(Conclusão da 1.ª página)

sistência aos Menores que vem já de Dezembro de 1961, garante 175\$00 mensais por cada internada que aquele mesmo Instituto proporia. Se vier de outros lados a proposta vale menos: 125\$00. Porquê? As Câmaras das comarcas que propõem o internamento da menor, as Câmaras também subsidiam. Se não fosse isso, a Casa já tinha desaparecido. Pois não é verdade que os estatutos dizem que a quota mensal não pode ser inferior a \$10?

O que deverá pensar-se para o futuro, então? Para já a Casa é uma Associação, e ainda que os associados não ofereçam neste momento uma objectiva garantia económica para a manutenção da Casa, o certo é que o cumprimento e dinamização de um plano educativo e sócio-integrativo das crianças, em moldes pedagógicos actuais, quase exige que a Casa não deixe de ser uma Associação.

A mentalidade associativa será fundamental para o futuro da Casa, uma vez que mais facilmente se integrará no meio e por outro lado a linha educativa poderá ser só desse modo discutida e aperfeiçoada. A Casa não deve constituir em tempo algum, um grupo de crianças discriminadas da sociedade, ainda que esse procedimento resultasse de um altruísmo respeitável. Se os sócios retomassem consciência das responsabilidades assumidas, seria fácil a Casa apresentar-se como expressão pedagógica de um bem social.

Paralelamente a atenção das autoridades e das instituições públicas com fins especificamente assistenciais, são dois momentos imprescindíveis, e parece que eles não têm faltado em alguns sectores.

Mas custa é sentir-se este individualismo sem travões: sem que se restitua à racionalidade uma obra que não pode viver de caridades individuais. Tanto mais que se fala em educação da criança, fala-se, fala-se... mas poucos sabem para que deve servir esta morada de Faro.

Novos sócios e sócios novos terão de entrar, para que as assembleias gerais sejam expressão do que, afinal, a gente deseja dessas crianças órfãs ou desamparadas que por todo esse Algarve nos exigem muita coisa, ainda que continuem enroladas no único agasalho do silêncio. Do silêncio, sobretudo.

Para elas não há os amigos quaisquer. Daqueles amigos que se bastam com bica, aperto de mão e fica negócio arrumado.

Para elas ou há amigos, ou não há.

Essas crianças que têm morada em Faro, e todas as outras que poderiam lá estar se a Casa tivesse maior capacidade, têm direito ao futuro. Um futuro que não será portanto esse espectáculo onde a comédia da vida joga contra a tragédia, nos estádios onde tal espectáculo é a única garantia de viver, de continuar o corpo.

E não é justo que cada um de nós as desconheça; não é tolerável que alguns, exibindo a sua ridícula quota de tostãozinho, queiram impor a essas crianças uma espécie de self-serviçadão; não é humano que não fique cada vez mais gente a interrogar-se como é que é possível fazer dobrar o dinheiro.

Aqui bem poderá estar o gémén de uma obra educativa de vulto, de que o Algarve bem carece, nestas épocas em que tantos lares não podem porque não podem, garantir aos filhos os benefícios que lhes desejariam dar, tanto mais que são eles próprios a terem o desfecho com que não contavam em horas de amor. A crise nas indústrias... sabem?

Depende isso de quem por solidariedade sentir responsabilidade. A morada dessas crianças é até muito fácil de descobrir.

Pedro Xavier

centeco

AFIXAÇÃO DE CARTAZES
CAMPANHAS
EXPOSIÇÕES
IMPRESA

CENTRO DE PUBLICIDADE E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.
RUA ALMEIDA GARRETT, 57-A - TEL. 24217 - FARO - RUA Dr. JUSTINO CUMANO, 13

COOPERATIVAS AGRÍCOLAS A SÉRIO PARA QUANDO?

(Conclusão da 1.ª página)

ser total (cooperar em tudo e durante todos os estágios da produção) para ser rentável;

b) — os produtores devem ter as suas terras próximas umas das outras e estas da sede social para que o investimento individual seja tão mínimo quanto possível;

c) — uma cooperativa deve ser tão ampla que permita a produção, o transporte e a comercialização (como retalhista) dos seus produtos;

d) — a cooperativa deve pretender alcançar e manter uma alta qualidade dos seus produtos e distingui-los com uma marca. Só assim alcançará o favor do consumidor e terá possibilidades de se lançar na via tão desejada, da exportação.

Vamos tentar particularizar um pouco mais o que dissemos em cada uma das alíneas acima.

Na primeira quisemos dizer que não basta haver uma «cooperativa» que sirva de receptor dos produtos que cada sócio criou como pôde e soube; é necessário que a associação se constitua como que uma empresa única, mas não uma, e que as produções sejam normalizadas como se procedessem de uma única unidade produtora; para tal é necessário que os agricultores cooperem, decidam e trabalhem em comum. Quisemos ainda dizer que, se por acaso os produtos de uma propriedade agrícola não forem os mais adequados à região e às necessidades do mercado ou não estiverem de acordo com os fins da cooperativa, essa propriedade deve fazer o que se chama uma «reconversão de produção», isto é mudar de culturas; mas estes casos devem ser estudados na altura.

Na segunda alínea pretendemos dizer que não vale a pena organizar-se uma cooperativa estando um produtor em Lagos e outro em Loulé. Os de Lagos farão a sua cooperativa ali e os de Loulé a sua aqui; isto não implica, antes pelo contrário, que ambas as associações se desconheçam e até se degridem; deve verificar-se também a «cooperação intercooperativas»... Por outro lado e uma vez que as unidades produtoras estejam pró-

ximas umas das outras, é mais fácil à cooperativa dispor, de modo útil, de máquinas, equipamentos e técnicos que sirvam a todos. E até, e isto é uma questão que em alguns países onde a cooperação agrícola é um facto, não constitui qualquer dúvida, agora que a mão-de-obra é escassa, e dispendiosa, que só assim se tornará possível uma real e necessária interajuda. Isto significa que uns possam trabalhar nas terras dos outros...

PARA QUANDO?

Na terceira alínea a questão é bem clara. Quanto maior for a cooperativa, quanto mais terra possuir, mais fácil se torna modernizar os seus equipamentos e trazer os seus produtos, directamente para os grandes ou pequenos mercados, evitando-se assim um dispositivo parasitário que é um pau de dois bicos: o intermediário, o grossista; perde o produtor porque está sujeito à vontade daquele e porque poderia auferir maiores lucros; perde o consumidor porque compra mais caro do que seria razoável: logo compra menos, o que só vai prejudicar o produtor.

Na última alínea também pensamos ter expresso o nosso pensamento de modo bem claro.

Não somos algarvios de nascimento mas sempre ouvimos dizer que as gentes do norte do País eram mais individualistas que as do sul.

Perguntamos: Quantas cooperativas produtoras existem no Algarve? Quantas cooperativas a sério estão, neste momento, em funcionamento? Numa província em que o turismo opulento tomou conta de quase toda a actividade produtiva e onde apenas alguns encontram trabalho; numa província onde as indústrias tradicionais (pescado, conservas e sal), dizem-no os próprios empresários, estão moribundas ou quase; uma província ferida pela emigração sistemática, ao Algarve perguntamos:

Para quando uma cooperação agrícola real e activa que, para já, possibilitaria a resolução de muitos dos problemas?

José A. de Melo

O ALGARVE como pólo do turismo nacional

(Conclusão da 1.ª página)

Por que se conserva o Algarve, afastado, não pela distância, mas pela incomodidade dos trajectos rodo e ferroviário, de Lisboa, do Estoril ou de outros pontos que também pretendem ser zonas de turismo?

Estamos mesmo a ver que vão responder-nos com as estatísticas do tráfego rodo e ferroviário, como se as estatísticas num movimento de promoção e progresso tão acentuados que vão sempre em crescendo, pudessem legitimar ou tornar lógica uma definição estatística que está a ser constante e aumentativa à medida que os dias passam.

Crie-se uma auto-estrada ou via rápida para o Algarve, proceda-se à melhoria e reforma das linhas férreas que nos levam ao Barreiro e à capital e criem-se horários convenientes e rápidos e ver-se-á qual o contributo que o Algarve pode oferecer ao turismo nacional.

Então, sim, poderemos admitir que o programa turístico oferecido pela E. N. aos estrangeiros terá viabilidade e adesão e será profícuo e oportuno.

Mas, enquanto o Algarve permanecer com todas as suas virtualidades ímpares, apenas dependente de duas portas de entrada — o aeroporto e a fronteira de Vila Real de Santo António — continuará a ser ponto de confluência de estrangeiros e encanto dos seus naturais, nada lucrando com isso outros pontos que se pretendem manter em rivalidade.

R. P.

esperança para o turismo nacional e, ainda que pequeno em território, não se vislumbrou ou demonstrou que haja qualquer outra zona do território continental que merecesse as citações atrás referidas. E de acordo com este nosso modo de pensar, está a constante aluvião de turistas que nos demandam de todas as partes do Mundo e cada vez mais em onda crescente.

Se se trata de um movimento de largas e rasgadas perspectivas, para o futuro, se, na verdade, há algo de importante e relevante a passar-se, pareceria de lógica evidente e simplista que ao Algarve se começasse a atribuir a categoria de estrela no turismo nacional e se fossem preparando e planificando as infra-estruturas e estruturas necessárias para que não venha a suceder que o Algarve queira arrecadar só para si, as vantagens de um movimento turístico que se pretende seja nacional.

Estamos fartos de dizer e afirmar que o Algarve será, dentro em pouco, uma região de turismo à escala internacional e que cegos serão os que não aproveitarem esta porta ou ponto de entrada para valorização do restante território ou de outras zonas que se pretendam incrementar dentro do mesmo.

O Algarve tem condições sólidas e válidas para ser uma região especial de atracção turística e está bem demonstrado que o tem e que exerce e está a exercer uma apetência dos viajantes de todos os pontos do Mundo, e que, sem o apoio de quem tem na mão qualquer valor ou influência, tem projectado e continua a projectar uma luz de tal vigor, que ultrapassa o que se possa desejar em qualquer ponto do País.

Por que não se estudam já as condições de atrair ao Algarve os turistas nacionais abrindo-lhes comunicações e vias capazes de os tentarem e de interligar o resto do País?

A construção do mercado de Moncarapacho continua em primeiro lugar nos projectos do Município de Olhão

(Conclusão da 1.ª página)

Ataíde de Oliveira, 100 000\$; Rua Dr. António José de Almeida, 100 000\$; Rua Alexandre Braga, 90 000\$; Rua da Feira, 200 000\$; Rua Domingos do O, 40 000\$; Rua Cândido do O Ventura, 20 000\$; aquisição ou expropriação de terrenos e edifícios para arruamentos, 500 000\$; construção de ossários e jazigos no cemitério, 50 000\$; expropriações, 200 000\$.

Em Moncarapacho: revestimento em betuminoso da Rua de Santo Cristo, 10 000\$; construção de passelos na Rua Gabriel Mendonça, 20 000\$.

Na Fuseta: revestimento em betuminoso das Ruas Magalhães Lima, Dr. Teófilo Braga, Germano Rolão e da Circunvalação e Avenida Marginal, 50 000\$; calcetamento do Largo da Igreja (2.ª fase), 20 000\$.

Em Quelfes: revestimento em betuminoso da Rua A do Bairro Económico, 20 000\$.

Arranjo do Jardim Patrão Joaquim Lopes, em Olhão, (5.ª fase), 100 000\$; arborização e ajardinamento da zona marginal da Fuseta, 50 000\$; abastecimento de água ao conchelo, 500 000\$; construção da E. M. 514 da Foupana à E. N. 270 (8.ª fase), 200 000\$; idem da estrada para a ilha da Armona, 500 000\$; reparação da E. M. 516-3 (ramal do Poço Longo para a E. N. 398, S. Brás de Alportel, 5.ª fase), 200 000\$; construção do C. M. de acesso ao Sero de S. Miguel (5.ª fase), 250 000\$; idem do C. M. 1.335 de ligação da E. N. 125 (Murteira) à E. M. 516 (Arelas), 150 000\$; reparação do C. M. 1.323, entre Pechão e Quelfes (1.ª fase), 150 000\$; idem do C. M. 1.325, entre a E. M. 516-3 e Quelfes (2.ª fase), 150 000\$; idem do C. M. 1.329, entre a E. N. 125 e a E. M. 516 (1.ª fase), 150 000\$; urbanização do lugar da «Casinha da Gala» (2.ª fase), 100 000\$; idem da zona norte do Bairro Marechal Carmo (projecto), 20 000\$; idem da zona marginal compreendida entre a doca de pesca e o pinhal de Marim, 50 000\$; idem da ilha da Armona (2.ª fase), 50 000\$.

Vende-se

Camion SCANIA 55, com ou sem caixa térmica. Facilita-se pagamento. Trata: Joaquim Floripes Madeira — Rua Inf. D. Henrique, 38 — Portimão.

Prédio em Faro

Vende-se na rua mais central de Faro, com 33m de frente (9 janelas de sacada e 6 estabelecimentos), 59m de fundo, incluindo quintal, e 1.800m² de área. Desocupado o 1.º andar. Trata o próprio na Rua D. Francisco Gomes, 20 — Telefones 22341 ou 23318.

Pedro Xavier

Traineira Vende-se

Características:
Comprimento: 23,72m. Boca de sinal: 5,16m. Motor Baudouin 300 H. P. 1 250 r. p. m. Assunto urgente.
Tratar pelo telefone 22618 — Figueira da Foz.

Conversas das sextas-feiras no Círculo Cultural do Algarve

Na penúltima sexta-feira, no Círculo Cultural do Algarve, o sr. Matos Cartuxo, correspondente-fotógrafo da TV, apresentou e comentou vários diapositivos sobre as suas últimas viagens, em Julho, aos países nórdicos, Suíça e Inglaterra. Fez preceder a sessão de alguns dados estatísticos relativos sobretudo à Dinamarca, tendo entabulado conversação com a assistência, sobre os locais que visitou e as civilizações onde se integram.

Em 12 deste mês, a sessão de encerramento das comemorações de Beethoven realiza-se na Aliança Francesa, destinando-se aos sócios do Círculo, da Aliança e do Cine-Clube. Nessa sessão serão interpretadas ao piano algumas obras do grande compositor por alunos da sr.ª D. Célia Magalhães.

PRÉDIO vende-se devoluto

Recebem-se propostas em carta fechada para a venda de um prédio de gaveto na Avenida 5 de Outubro n.º 8 com a R. Bernardo de Passos e saída para a R. João de Deus. Reserva-se o direito de não adjudicação caso as propostas não interessem. Respostas para o local indicado.

IMAAL MÁRMORES

Oferecemos a beleza da Natureza...

— Mármore em medidas standardizadas para entrega imediata
— Todos os trabalhos para a construção civil
— Objectos decorativos em mármore

IMAAL — Indústria de Mármore do Algarve, S.A.R.L.
Fábrica e Escritórios em Sargaçal — Lagos
Telefones 284 - 299 - 480 Telex 1744

MINIALFA — 1 E 2

A ELECTROBOMBA QUE MAIS SE VENDE EM PORTUGAL «SOALFA», a mais completa gama de Electrobombas

Electrobombas para água sob pressão
Electrobombas para vinho e líquidos especiais
MOTORES ELÉCTRICOS PARA TODAS AS INDÚSTRIAS
Robobinagens — Balastros

IREL — Rua de S. Mamedo (ao Caldas) 30 G — LISBOA

VISITE EM QUARTEIRA O RESTAURANTE ISIDORO

O MAIS TÍPICO DO ALGARVE

Cozinha Regional
director técnico: ISIDORO

PRATOS DO DIA

Bife de Atum à Barraca
Sardinhas na Brasa
Caldeirada
Camarão de Quarteira
Ostras à Isidoro
Amêijoas na Cataplana
Lavagante

Lagosta
Feijoada à Barraca (ao Domingo)
Ervilhas à Rita
Perdiz à Isidoro
Frango na Púcara
Doce Regional

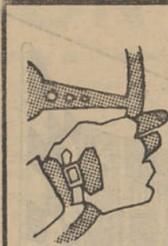
E AINDA OUTROS PRATOS DIVERSOS

Pontes Eusébio

Médico especialista
Ouvidos, Nariz e Garganta
Consultas diárias depois das 15 horas
Cons. — Rua de Santo António n.º 68 — 1.º Dio.
Telef. Cons. 23133 Resid. 24253
Res. — Av. de Olivença, 97-5.º Esq.
FARO

Contabilista

Oferece-se em regime livre ou part-time, deslocando-se a qualquer ponto da Província. Trata assuntos Organismos Oficiais e Corporativos. Dirigir Travessa Cerro Malpique, 20 — ALBUFEIRA.



guerreiro matoso



RUBRICA QUINZENAL DE AUTOMOBILISMO

PROSSEGUE O «NACIONAL» DE INICIADOS

Conforme noticiámos iniciou-se, em 14 do mês findo, o Campeonato Nacional de Iniciados, com a realização da primeira prova, a contar para a zona sul — o Rallye de S. Martinho — e para a zona norte — o Rallye 1.º Passo — provas em que, como se previa nomeadamente na organizada pelo Arte e Sport, a classificação geral se veio a decidir complementarmente.

Se desportivamente, não podemos estar muito de acordo, legislativamente o facto está correcto, situação, pelo menos, numa continuidade de pensamento do A. C. P., atendendo à diferenciação em Rallyes de 1.º e de 2.º, considerando-se a prova de inauguração como um factor de acclimação para os inexperientes — que os havia aliás em bom número.

Cerca de um terço dos participantes não penalizou na estrada, o que abesta a falta total de imaginação no percurso, conferindo à prova o cunho de transição 2.º-1.º que assinalámos.

Serviço para os órgãos de informação não o havia, e a organização não imprimiu sequer a lista das classificações do Rallye de S. Martinho que presenciámos, facto que aliás se junta à total ausência de uma parte social da prova para preferir uma nova negativa a estas realizações em que a pretensa facilitação económica justifica a falta de um factor social que fundamenta (ou deveria fundamen-

tar) todo o desporto. Lembre-se a título analógico quanto a economia que as despesas no Rallye de S. Martinho constavam de inscrição (150\$00) mais seguro (200\$00), além, é claro da gasolina para a prova e reconhecimentos, sem incluir qualquer refeição ou cocktail de confraternização; na Volta ao Algarve, nos 700\$00 da inscrição estava incluído o seguro (250\$00) mais gasolina (300\$00) e quatro refeições para cada equipa, que, a um valor médio de 50\$00 cada perfaz 200\$00, ou seja um total em valores recebidos de 750\$00 por 700\$00 pagos pelo concorrente... Mas enfim, fiquemos por aqui...

As classificações dos 5 primeiros foram: 1.º Domingos Santos, 301 pontos; 2.º António de Almeida Alves, 304 pontos; 3.º Mário Rodrigues da Silva, 305 pontos; 4.º Carlos Garcia, 305 pontos; 5.º Feliciano Branco, 315 pontos.

Dos concorrentes algarvios, Carlos Fontainhas teve um desastre sem consequências pessoais felizes, continuando no entanto, pelas informações que temos na disputa do Campeonato, Salazar d'Eca classificou-se no 51.º lugar, «Ruy Alochac» em 27.º (6.º na classe) e A. M. Sequeira em 15.º (1.º na classe).

O Campeonato prosseguiu esta noite quer na zona norte quer na zona sul estando o *Jornal do Algarve* presente nesta prova e acompanhando a equipa algarvia no «Rali de Inverno» que o

Clube 100 à Hora organiza. Para já saliente-se que o percurso desta prova é manifestamente mais competitivo do que o da anterior, devendo decidir-se na estrada, em troços como a Rampa da Pena e a Malveira, em que as máquinas mais potentes já estarão em condições de lutar pelos lugares cimeiros da classificação.

Campeões Nacionais de 1970

Em cerimónia efectuada na sede do A. C. P. foram entregues os prémios aos vencedores dos Campeonatos Nacionais de Ralis, velocidade e «Karting» que foram respectivamente:

Campeonato Nacional de Ralis — Turismo de Série, Jorge Nascimento; Turismo Especial, José Carpinteiro Albino; Grande Turismo, Desporto e Protótipos, Américo Nunes.

Equipas — Sporting Clube de Portugal.

Campeonato Nacional de Velocidade — Turismo de Série, Dino; Turismo Especial, Ernesto Neves; Grande Turismo, Desporto e Protótipos, Carlos Santos; Fórmula V, Ernesto Neves; Fórmula Ford, Ernesto Neves, Clubes, 100 à Hora.

Campeonato Nacional de Karting — Classe I, Eduardo de Castro; Classe II, Herlander Garcia, Clubes, Kart Clube de Lisboa.

Os lixos do Algarve irão ser tratados à romana?

A empresa italiana que instalou o actual processo de limpeza e as estações de tratamento de lixos em Roma, faz deslocar à capital algarvia os seus técnicos com o objectivo de fornecerem elementos sobre os seus métodos de trabalho.

A reunião efectuar-se-á em Faro, no próximo dia 15, a ela assistindo os presidentes das entidades algarvias, técnicos e outros responsáveis, sendo projectados diapositivos.

Entre os projectos da Câmara de Faro, figura a construção de uma estação para tratamento das matérias lançadas nos esgotos, a fim de desviar estas da ria, onde agora vão dar, prejudicando a salubridade das águas. A estação deverá estar concluída até fins de 1972.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

Diagnóstico-Roentgenoterápico

R. Castilho, 37—Tel. 22644

FARO

Os beneficiários dos Serviços Médico-Sociais têm preços de Policlínica nos exames particulares

Casamento

Emigrante português a residir há 1 ano no Norte de França, deseja corresponder-se com senhora solteira dos 25 aos 40 anos de preferência algarvia, para fins matrimoniais. Assunto sério. Caso interesse às correspondentes este anúncio deverão escrever para a seguinte morada:

Rodrigues Fernando — Bloc G — Rue des Platanes, 48 — Hautmont Nord — France.

À Classe Médica e aos Doentes Diabéticos

As preparações de INSULINA «SANO» cuja qualidade é assegurada pela comprovação oficial a que sistematicamente são submetidas, encontram-se à venda nas principais Farmácias do País pelos seguintes preços:

INSULINA (SIMPLES)-Frascos de 10 cc. com 400 Unidades=20\$00

INSULINA PROTAMINA-ZINCO-Frascos de 10 cc. com 400 Unidades=23\$00

O LABORATÓRIO «SANO»

É O ÚNICO FABRICANTE NACIONAL DE INSULINA

JORNAL DO ALGARVE
N.º 715 — 5-12-1970TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE PORTIMÃO

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na Execução Sumária pendente na primeira secção da Secretaria Judicial desta comarca de Portimão, movida por BETAL — Betões do Algarve, Limitada, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lagoa, contra ANTÓNIO MADEIRA NETO, casado, comerciante, ausente em parte incerta, com última residência conhecida na Rua Doutor Oliveira Salazar, números oitenta, e oitenta e sete, em Quarteira, da comarca de Loulé, é este executado citado para no prazo de cinco dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, pagar à exequente a quantia de VINTE MIL SETENTA E SEIS ESCUDOS E OITENTA CENTAVOS, ou dentro do mesmo prazo nomear bens à penhora suficientes para esse pagamento sob a cominação de se devolver esse direito à exequente.

Portimão, 12 de Novembro de 1970.

O Escrivão de Direito,
da 1.ª secção,

Francisco Marques de Oliveira

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

Rogério Correia de Sousa

Dois algarvios presentes no «Natal do Emigrante»

De novo o «Diário Popular» leva a efeito o «Natal do Emigrante», em espectáculos dedicados a quantos trabalham em França, Alemanha e Luxemburgo.

Iniciativa a todos os títulos simpática constitui uma mensagem aos portugueses que labutam além-fronteiras. Na comitiva artística deste ano figuram os algarvios maestro Tavares Belo, que dirigirá o conjunto musical e acordeonista Tino Costa, Completam o elenco artístico: Amália Rodrigues, António Calvário, Cecília Cardoso, Daniel Garcia, Fátima Morais, Lucília do Carmo, Mafalda Sofia, Maria José Valério e Tonicha. A apresentação está a cargo de Artur Agostinho.

Mecânico

De frigoríficos e congeladores, com carro próprio, encarrega-se de serviços da especialidade, garantindo completa assistência. Dirigir à Rua Domingos Guieiro, 15, Telef. 22694 — FARO.

Pesca do Alto

Vende-se ex-traineira Nossa Senhora da Graça com 17 metros de fora a fora e motor Cummins de 205 HP, tudo em óptimo estado de conservação. Resposta a Abel Figueiredo Luiz — LAGOS.

Câmara Municipal do Concelho de Silves AVISO

A Câmara Municipal de Silves faz público que, de harmonia com a deliberação tomada em reunião de 10 de Novembro corrente, se encontra novamente aberto concurso, pelo prazo de trinta dias a contar da data da publicação do presente aviso no «Diário do Governo», para provimento do lugar de médico Municipal do partido com sede em Algoz, o qual está vago por motivo de o anterior titular ter sido transferido para idêntico cargo do 1.º partido do mesmo concelho.

Ao lugar a concurso corresponde a gratificação mensal de 2 200\$00 e a ele podem candidatar-se os indivíduos que reúnem os requisitos referidos no artigo 634.º do Código Administrativo, mediante a entrega na secretaria desta Câmara Municipal, dentro do mencionado prazo, de requerimento feito em papel selado e dirigido ao presidente do mesmo Corpo Administrativo, escrito pelo próprio punho e com a assinatura feita sobre um selo fiscal de 50\$00 e reconhecida por notário, indicando o nome completo, profissão, estado civil, data do nascimento, filiação, naturalidade, residência (com menção de rua, número de polícia e andar), e número e data do Bilhete de Identidade bem como o serviço do Arquivo de Identificação que o emitiu.

Deverão ainda os candidatos acrescentar ao mesmo requerimento declaração, em alíneas separadas e sob compromisso de honra, da situação precisa em que se encontrem relativamente aos requisitos enunciados no citado preceito legal. Paços do Concelho de Silves, 17 de Novembro de 1970.

O Presidente da Câmara,

Salvador Gomes Vilarinho

Brinde com PORTO, mas!



Distribuidores Exclusivos no Algarve

Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda.

Secção «GARRAFEIRA»

PORTIMÃO

Telefone 123

LOULÉ

Telefone 62002

COMPARTICIPAÇÕES

Foram concedidas as seguintes participações: 12 contos à Câmara Municipal de Lagos, para construção da casa do guarda do Matadouro; 19 200\$ à Câmara Municipal de Loulé, para o caminho municipal n.º 1 299 (construção do lanço da estrada municipal n.º 521-1 a Guerreiros Vermelhos), 1.ª fase; e 3 400\$ à Câmara Municipal de Portimão, para a compra de uma caldeira de 200 litros destinada à conservação das vias municipais do concelho.

CORREIO de LAGOS

AS NOVAS DISPOSIÇÕES SOBRE O FABRICO E COMERCIALIZAÇÃO DO PÃO

Tenham ou não as nossas constantes chamadas no sentido de mais disciplina no fabrico e comercialização do pão, contribuindo para as recentes disposições governamentais, esclarecendo muito que importa no sentido de os consumidores se convencerem de que uma vez sabendo usar dos seus direitos deixarão de ser especulados pelos industriais de padaria pelo menos no pão de 1.ª e 2.ª qualidades, cujos preços se mantêm, dando-nos por muito satisfeitos com tais medidas.

Prevêem estas tolerâncias de 5 por cento e assim teremos pão de 1.ª a \$40, 60 gramas; 1\$60, 240 gramas; 3\$10, 500 gramas e 6\$20, 1 000 gramas e de 2.ª a 1\$70, 500 gramas e 3\$30, 1 000 gramas, com tal tolerância havendo um acréscimo nas vendas ao domicílio. No que respeita a outros tipos são livres os preços, e quem os adquirir não terá que se queixar, mas a garantia de pão de tipo corrente e na sua falta de 1.ª por igual preço desde que se comprove que a falta é provocada por deficiente fabricação, diz muito no sentido de nos convencerem que da parte dos que presidem nasceu algo de acertado para que os consumidores deixem de ser especulados com o alimento número um de pobres e ricos.

Oxalá as medidas agora adoptadas não sejam sol de pouca dura, pois de dia para dia mais nos convenecemos que a ausência de escrúpulo de muitos industriais resultam grandes males para os consumidores com prejuízo da acção dos que superintendem.

A GALERIA DE ARTE É UMA OBRA CUJA CONTINUAÇÃO SE IMPÕE

A Galeria de Arte, obra recente, mas que já mostra os seus frutos, por a sua sombra se irem desenvolvendo dezenas de crianças na arte de pintar, é algo que se impõe continue.

Porém, no passado sábado, em que assistimos à inauguração da exposição de 15 trabalhos de Joaquim Bravo, que não sendo lacobrigense vem dispensando à Galeria atenção e carinho, Cristiano Cerol foi-nos dizendo que até ao fim do ano têm de deixar a casa onde se encontra instalada, pelo facto de o senhorio, que não tem qualquer contrato com a Galeria, a exigir. Ora, a Galeria sem casa não pode funcionar e porque da sua existência algo de bom prevemos, esperanças ficamos em que o senhorio proteja a sua manutenção até que haja possibilidades de a transferir para outro local.

DIA DA M. P.

O dia da M. P. que bem fica assinalado no dia 1.º de Dezembro, foi comemorado pela E. I. C. de Lagos na tarde

de 30 de Novembro com missa na igreja de Santa Maria, seguida de sessão no ginásio da Escola e de desafios de andebol de 7, por escolares e extr-escolares do sexo masculino, vencendo estes e por equipas escolares o sexo feminino, cuja exibição agradou visto os desportos femininos serem quase novidade em Lagos. Na sessão usou da palavra para apresentação dos oradores e distribuição de prémios aos alunos que mais se distinguiram, o sr. director da Escola e para recordar factos da história que se prendem com a Restauração de Portugal a professora D. Beatriz Maria Pinto Vieira Cabrita e algumas alunas que com o calor das suas palavras fizeram vibrar a assistência.

SINISTRADOS DO 28 DE FEVEREIRO EM APUROS

Temos conhecimento de que, de entre os sinistrados do 28 de Fevereiro, alguns dos mais necessitados continuam em apuros, pois que, decorridos quase dois anos após o sismo, que especialmente em Vila do Bispo e em Bensafim desabrigou muitos lares, as ruínas continuam e os que superintendem nos serviços de auxílio, vão informando que a verba destinada às reconstruções se esgotou.

Estamos assim numa situação desprestigante para os que dirigem os nossos destinos, pois que não é humano consentir que continuem sem abrigo pessoas que não têm condições para pagar rendas de casa, acrescentando que o aspecto das ruínas em localidades como Bensafim, por onde transitam centenas, se não milhares de viaturas durante o dia, faz despertar ressentimentos nos ocupantes, que duvidarão das boas intenções de quem, pretendendo acudir a todos os sinistrados e deixando alguns em apuros, pode vir a ser considerado injusto.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Vende-se Terreno

com projecto aprovado para estação de serviço, garagem e salão para café-restaurante ou outro ramo, à saída de Faro, com a área 1 700 m2, e 1 100 m2 de escavação para cave.

Informa telefone 22957 — FARO.

Apartamento Novo

Vende-se na Praia de Armação de Pêra na Rua do Alentejo.

Resposta a José E. Pereira—telefone 55155 — Armação de Pêra.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Apontamento de JOAO LEAL

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

O Farense no 5.º lugar

Pois é verdade. A turma algarvia está postada imediatamente a seguir ao Sporting, Académica, Setúbal e Benfica. Um calor que entrou cautelosamente, dando tudo por tudo para se manter, mas que com serena humildade, tem feito uma carreira impressionante de regularidade. No domingo a tradição continuou: uma vitória por um tento solitário, que equivale a dois pontos e conservando-se a invencibilidade no Estádio de S. Luís. Confirmaram-se as esperanças de Leixões, que nos impressionou muito favoravelmente, lutou com genica e querer, não permitindo grandes larguezas aos dianteiros locais. O gol que Ferreira Pinto obteve a passe de Valdir já no segundo tempo, veio serenar os prosélitos do Farense e premiar de algum modo, aquela turma que com maior franqueza tentou sempre a ofensiva. Dirigiu o encontro Carlos Dimis, de Lisboa, e as equipas alinharam:

Farense — Barroca; Assis, Bastos, Atraca e Sitos; Ferreira Pinto e Nunes (Valdir); Nelson Faria, Correia (Dani), Ernesto e Testas.

Leixões — Tibi; Celestino, Adriano, Raul (Eliseu) e Nicolau; Gentil e Geraldo; Vaqueiro, Esteves, Horácio e Jesus.

Amanhã desloca-se a Faro o Vitória de Guimarães, turma que, colocada na 11.ª posição, virá por certo proporcionar luta renhida, com o objectivo de pontuar. E tradição mantém-se? O Farense concretiza o favoritismo? Duas perguntas que ficam a pairar até amanhã às 16,45 horas.

II DIVISÃO

O Olhanense a subir

Que Rodrigues veio insuflar uma certa dose de confiança, foi firmeza com que tem actuado, é a primeira conclusão que se extrai deste Olhanense de agora. A turma acreditou-se, o ataque continuou concretizando (Simões é até o melhor marcador da zona sul) e a defensiva em nada tem traído o labor dos outros sectores. Assim sucedeu no prélio de domingo último em Portimão, num desafio sempre disputado com entusiasmo e que concluiu as atenções gerais. Ao carácter de despieque regional, onde sobejam motivos múltiplos de interesse, juntou-se a este prélio um outro: a plena necessidade das duas equipas somarem pontos para se instalarem em zona onde não pareça a ave agourenta do «Perigo». E vão conseguí-lo. Têm equipas e futebol nos pés e nos cérebros para o fazer, concretizando um desejo que é comum a todos os desportistas algarvios. Sob a arbitragem do juiz escabiano Renato Almeida, verificaram-se as seguintes formações:

Portimão — Dionísio; Lino, Carlos, Hélio e António Luis; Arquimínio e Ramos; Lecas, Afonso, Mateus e Pacheco.

Olhanense — Rodrigues; Zesé, Albino, Reina e Cartaxo; Moreira e Renato; Matias, Pereira, Carlos Alberto e Simões.

Aos 15 minutos Afonso, na transformação de uma grande penalidade obteve o gol dos barlaventinos. Aos 88 minutos Carlos Alberto, na sequência de um canto estabelecido a igualdade.

Recheadas de dificuldades as deslocações que na jornada de amanhã Olhanense e Portimão empreendem a Sesimbra e ao Seixal.

III DIVISÃO

Lusitano e Esperança podem lutar para o título

Distanciados dois pontos do leader, o Cova da Piedade, as turmas vila-realense e lacobrigense, figuram no rol das que justamente podem pensar na corrida para o 1.º posto. A vitória do Lusitano em Grândola (assinale-se até o «estranho» resultado de 3-4, com Antoceto marcando três dos tentos dos al-

Amendoieiras e oliveiras

Enxertadas em zambujeiro «Maçanilha» tipo Elvas, prontas a plantar.

Vende: João Afonso Madeira — Alte — Algarve.

Taça de Honra da A. F. Faro

Êxito dos visitantes

Forneceu uma nota curiosa esta primeira jornada da «Taça de Honra» que a Associação de Futebol de Faro faz disputar entre 4 dos 5 clubes da 1.ª Divisão Distrital. Foi os visitantes — Faro e Benfica e Sambrazense — saíram vencedores nos prélios que foram travar a Albufeira e a Loulé. Conservam assim, como é evidente, um compreensível favoritismo para a jornada de amanhã, em que recebem os seus antagonistas de domingo último. Teremos no dia 13 uma final entre o Faro e Benfica e o Sambrazense? Tudo leva a crer que sim.

Pesca desportiva

Disputa-se amanhã o 2.º Concurso «António da Silva Guerreiro»

Entre as 6,30 e as 12 horas de amanhã, decorre no molhe leste da barra do porto comum Faro-Olhão o 2.º concurso «António da Silva Guerreiro», prova organizada pelo Clube dos Amadores de Pesca de Olhão e dotada com um valioso troféu que tem o nome do sócio fundador do clube.

A posse do troféu é decidida pela vitória em dois concursos seguidos ou 3 alternados. Em 1969, a vitória pertenceu a Amândio Pereira. Repetirá este feito, ficando na posse definitiva do troféu? Esta interrogação é das grandes aliciantes do torneio.

Nota simpática é também o facto de 50 por cento do peixe capturado se destinar à Santa Casa da Misericórdia de Olhão.

Nos prémios anuais do Clube dos Amadores de Pesca de Olhão, as classificações estão assim ordenadas: «Troféu Casa Pires»: a atribuir ao concorrente que capturar o peixe de maior pontuação: 1.º, João Timóteo Andrade, anchova com 5,560 quilos; 2.º, Joaquim Estinha, anchova com 5,480; 3.º, Eduardo C. Pires, anchova com 5,140 quilos.

«Melhor pescador do ano»: peixe de prata e ouro a atribuir ao pescador que no conjunto das provas disputadas tenha obtido as melhores classificações: 1.º, João Martins Gaiivota, 1 000 pontos; 2.º, Celestino Cândido Martins, 900; 3.º, Luís Jorge Martins, 870 pontos.

Assembleia geral da Associação de Futebol de Faro

Sob a presidência do dr. Francisco Uva Sancho, decorreu ontem à noite a assembleia geral extraordinária da Associação de Futebol de Faro. Na ordem dos trabalhos figurou a alteração de alguns parágrafos dos artigos estatutários, designadamente no que se refere ao ingresso nos campos de futebol e ao aumento da quota anual, que era de 100\$00 e passa para 200\$00.

Dante Barbosa Guerreiro

Por motivo de inconformismo com as directrices de alguns dos seus colegas de direcção, pediu a demissão do cargo que vinha exercendo na Associação de Futebol de Faro, o sr. Dante Barbosa Guerreiro.

FRIMÓVEL

Soc. Construtora de Móveis e Frigoríficos, Lda.

Equipamentos para montagem

de Bares Snack-Bares, Restaurantes, Cafeterias, Hotéis e Similares

Cozinhas completas, Refrigeração Comercial e Assistência a Instalações Frigoríficas.

Rio Seco

Telef. 22871

FARO

VELA

Começa amanhã o «Torneio Fernando Prazeres»

Tal como noticiámos, a Secção Náutica do Sport Faro e Benfica, que desde há semanas vem mantendo uma escola de vela, faz disputar o «Torneio Fernando Prazeres», amanhã, às 10 horas, será a largada para a primeira das 10 regatas que constituem este certame, que marca o reinício da vela competitiva na zona da ria de Faro. As regatas efectuam-se frente ao cais comercial e a prova, que é destinada a barcos da classe snipe, constitui uma homenagem ao conhecido campeão algarvio Fernando Prazeres.

Teremos o Mundial de Moths no Algarve?

Retine extraordinárias condições para a prática, durante quase todo o ano, do desporto vélico, o litoral algarvio. A suavidade do clima, a existência de zonas protegidas (ria de Faro, baía de Lagos, estuário do Arade, rio Guadiana, etc.) e outros factores importantes, definem-na como região ideal para o salutar desporto da vela.

Consta, nos meios ligados à modalidade, que há muitas possibilidades de se efectuar no Algarve o Campeonato do Mundo da Classe Moths. Oxalá tal desejo se transforme em realidade, na necessária conjugação de esforços que é preciso efectivar, pois tratar-se-ia de uma promoção de extraordinário interesse quer desportivo, quer turístico.

CICLISMO

A Federação Portuguesa de Ciclismo vai promover, em data a indicar, um curso para treinadores, a efectuar no Centro de Estágio da Cruz Quebrada. É uma excelente iniciativa em que esperamos participem vários algarvios, com vista ao fomento da modalidade.

Está já em laboração a «máquina» da organização da 34.ª Volta a Portugal, em bicicleta, que em 1971, será montada por duas agências de publicidade. Prevê-se que a «festa grande do ciclismo português» decorra entre 24 de Julho e 8 de Agosto.

BASQUETEBOL

1.ª CATEGORIAS

A CHUVA IMPEDIU A REALIZAÇÃO DE MAIS UMA JORNADA

Choveu na noite do passado sábado. E onde estavam marcados jogos, em Olhão e Portimão, verifica-se a inexistência de pavilhão ou de um simples ginásio em que, nas noites agrestes, se possa praticar a modalidade. Onde há pavilhão, não se disputavam jogos. Consequência: mais uma jornada incompleta. Para quando a polyvalência dos pavilhões polyvalentes? Atente-se no exemplo da vizinha Espanha. Só assim será possível sairmos da pouca menos que letargia em que nos encontramos.

JUNIORES

NUM JOGO FALTOU A POLÍCIA E... NÃO SE JOGOU NO OUTRO JOGOU-SE E NÃO FALTOU EMOÇÃO

Apenas se realizou o encontro Farense-Olhãense, no qual o «cinco» de Olhão venceu a justiça por 35-33. O Olhanense, que comandou o marcador até cerca de um minuto do final, só não perdeu porque o Farense não soube congelar a bola quando se encontrava a vencer por 33-31, e numa altura em que a sua maior frescura física estava a prevalecer. Disse-se aproveitou muito bem o Olhanense que, com dois cestos nos segundos finais resolveu o jogo a seu favor. O jogo valeu pela parte final, pela emoção que se verificou dentro e fora do rectângulo quanto à incerteza do vencedor.

O outro encontro antecipado para sábado, entre o Ginásio e o Faro e Benfica, não se realizou porque à hora indicada, incluindo o período de 15 minutos de tolerância, não se encontrava presente a polícia, apesar de antecipadamente requisitada. O árbitro resolveu que o mesmo se iria disputar. Cumpriu a lei, é certo. Porém, cumpriu-a rígida e inflexivelmente. A assistência não era em número superior a 30 pessoas. Não existia rivalidade, nem necessidade absoluta de ganhar, pois ambas as equipas têm 3 jogos-3 derrotas. Logo, o jogo poderia ser realizado, tanto mais que à saída do cartão amarelo encontrou a polícia. Ficar-lhe-ia mal se voltasse atrás e realizasse o jogo? Certamente que não. Teria, dessa forma, demonstrado boa vontade e compreensão, para com o esforço e dedicação da nossa juventude, dos seus dirigentes e técnicos da modalidade em geral. A acção da Comissão Distrital de Árbitros tem merecido muitos reparos. Errar é humano. Mas uma coisa é errar por ser humano e outra é errar por não existir, por vezes, espírito de colaboração e de reconhecimento para com o esforço e caridade de muitos dos indivíduos que são credores da nossa admiração, pelo carinho com que tem tratado a modalidade entre nós. Estimulemos, pois, esse carinho, para que o «castelo de areia» se não desmorone. Confiantemente aguardamos que este estado de coisas se modifique. Oxalá assim suceda para, então, gostosamente, registarmos o facto.

JUVENIS

Ambos os favoritos tiveram saídas fáceis. Em Faro o Olhanense triunfou sobre o Farense por 43-28 e em Albufeira o Faro e Benfica venceu o Imortal por 49-12.

TRIUNFOS FACEIS DOS FAVORITOS

PROTESTOS NÃO CONFIRMADOS

O Olhanense que, nos encontros com o Farense em Juniores e Juvenis, tinha antecipadamente protestado os encontros, ao que supomos por irregularidade na altura das tabelas, não confirmou os protestos, ficando sujeito à penalização prevista pelo regulamento da Federação.

Jogos para hoje:
1.ª categoria: às 21,30, Ginásio-Farense; às 22,30, Olhanense-Casa dos

A cirurgia cardíaca foi tema de uma palestra no Rotary Clube de Faro

No passado sábado efectuou-se no Hotel Eva a reunião semanal do Rotary Club de Faro, a que presidiu o sr. Fernando Costa. No protocolo, o sr. dr. Rocheta Cassiano saudou as senhoras presentes e o convidado e palestrante sr. dr. Justino Ramos.

A palestra proferida por este médico farense, de uma equipa de cirurgia cardíaca do Hospital de Santa Marta de Lisboa, versou sobre as possibilidades existentes no nosso País, neste momento, no campo da cirurgia cardíaca, facto que não está suficientemente divulgado e que tem levado várias pessoas a procurar no estrangeiro o que está à nossa mão. Referiu que, praticamente, se podem fazer em Portugal todas as operações cardíacas, com excepção das palestras cardíacas, tendo ilustrado a sua palestra com projecção de diapositivos.

No final foi muito aplaudido, seguindo-se um colóquio com a assistência.

O voo das aves

Numa propriedade no sítio do Tesoureiro, S. Brás de Alportel, foi encontrada pelo sr. Carlos Brito, uma ave com anilha onde se lia a inscrição «A 17204 Semrach Helvetia».

Vende-se

Parte ou toda sociedade com traneira e enviada.

Trata C. Amaro — Telef. 610257 e 2474710 — Lisboa.

Pescadores, ambos em Olhão, no Parque C. Viegas.

Jogos para amanhã:
Juniores: às 10 horas, Ginásio-Olhãense, no Campo Abílio Gouveia; às 11, Os Olhanense-Faro e Benfica, no Campo de Os Olhanenses.
Juvenis: às 10 horas, Os Olhanenses-Faro e Benfica, no Campo de Os Olhanenses; às 11, Imortal-Olhãense, no Campo do Imortal.
Jogos para o dia 8:
Juniores: às 10 horas, Farense-Ginásio, no Pavilhão Gimnodesportivo; às 11, Olhanense-Os Olhanenses, no Parque C. Viegas.
Juvenis: às 10 horas, Olhanense-Os Olhanenses, no Parque C. Viegas; às 11, Os Olhanenses-Faro e Benfica, no nodesportivo.

Humberto Gomes

ATLETISMO

«Grande Prémio dos Reis» em Faro

Corre-se na noite de 2 do próximo mês, em Faro, o «Grande Prémio dos Reis». As iluminações natalícias e o facto de as ruas da baixa farense se encontrarem pavimentadas ao invés dos anos anteriores, conferirá um cenário mais esplendoroso a esta já clássica do pedestrianismo nacional.

Entretanto, trabalha-se no contacto com os principais clubes portugueses e do sul de Espanha, com vista à presença dos seus mais cotados fundistas.

(Continua)

FAR

E SINÓNIMO DE QUALIDADE

adaptáveis a qualquer tipo de gás.

distribuidores exclusivos:
J. COSTA & SILVA, Lda
R. DOS SAPATEIROS, 79-71. 326713 LISBOA 2

MODELO PLAISIR-20.44

ROCAMBOLE

(Continuação)

O CASTELO DES GENETS

— Irei com ela para casa de minha tia, a senhora de Kermadec.
— No castelo des Genêts?
— Sim.
— A ideia é excelente! — exclamou o senhor de Beaupreau, pensando que a ficar livre por alguns dias, e senhor de procurar tornar a ver Cerise.
— Se for da sua vontade — continuou Teresa, — partiremos amanhã de manhã.
— Quanto mais breve melhor, — respondeu o chefe de repartição.
A senhora de Beaupreau e Hermínia passaram uma parte da noite a fazer os preparativos para a jornada. No dia seguinte, às nove da manhã, Teresa e a filha, saíam de Paris e tomavam a estrada da Bretanha. Portanto, a criada não mentira a Fernando Rocher, quando este, louco de dor depois de ler a carta de despedida de Hermínia, que Colar disfarçado em moço de recados lhe entregara, se apresentara na rua de S. Luís. As senhoras tinham efectivamente partido para a Bretanha. O castelo dos Genêts onde Teresa e a filha chegaram sem inconveniente algum, tinha duvidosos títulos à posposta denominação de castelo. Era, na verdade, uma ruína mal conservada, habitável apenas em parte, cuja vetustez e aparência miserável eram atenuadas unicamente pelos arrabaldes belos, e pelo extenso lago que se estendia por debaixo das janelas. No lago havia um pequeno barco, e no Verão, o lago e o

barco, tornavam-se o maior divertimento que podia encontrar-se no castelo.

Esta propriedade havia sido outrora um verdadeiro castelo da Idade Média, com os fossos, ponte levadiça, ameias, e torres inexpugnáveis; sustentara cercos porfiados, bloqueios rigorosos; nas velhas salas haviam ecoado as esporas dos cavaleiros, e um dos seus donos, caíra morto ao lado do heróico Beaumaisir, no campo de batalha dos Trinta. O tempo, porém, viera com mão destruidora derrubá-lo pouco a pouco. No reinado de Henrique IV, durante as guerras da Ilga, fora tomado de assalto e desmantelado; reconstruído na época de Luís XIII, fora queimado no tempo da fronda. Um dos senhores de Kermadec, no reinado de Luís XV, gastara os últimos recursos para dar-lhe aspecto feudal, mas tornando-se membro da associação dos fidalgos bretões que sonhavam com a independência do seu país, fora feito prisioneiro com o sr. de La Chalotais e justificado, deixando por único herdeiro uma criança que devia ser presa do tribunal revolucionário. O derradeiro Kermadec fora morto durante a guerra de Espanha em 1823 no posto de tenente de hussardos. Desde esse tempo nunca mais o castelo des Genêts se levantara das suas ruínas, e semelhante ao anção que espera resignado pela morte, parecia ele esperar que a baronesa de Kermadec, mãe do tenente de hussardos, única que sobrevivera a essa raça heróica, repousasse para sempre no túmulo, para se desmoronar completamente. A natureza porém, fora pródiga em embelezar aquela vetustez. O castelo não estava edificado, como talvez julguem, em alguma rocha escarpada, banhada pelas ondas impetuosas do oceano. Pelo contrário, elevava-se no fundo dum lindíssimo vale luxuriante de verdura, entre duas colinas, distante do mar aproximadamente meia légua. Árvores seculares, na maior parte carvalhos e castanheiros, cercavam a ruína feudal em forma de parque; os fossos, convertidos em jardins, estavam profusamente semeados de árvores frutíferas e de moitas de espinheiro, por entre as quais gorjeavam e saltavam os passarinhos na formosa estação da Primavera. Quem visse aquela pobre habitação, cujas paredes se conservavam de pé graças ao poderoso auxílio da hera gigante que a elas se abraçava, colocada no fundo do vale duvidaria que nesses tempos heróicos da Idade Média, havia sido uma praça de guerra, e sustentado rigorosos cercos.

Tudo quanto podia dar-lhe aspecto guerreiro, estava desmoronado, conservando uma única parte habitável, que a baronesa de Kermadec, senhora octogenária, fazia todos os esforços por manter em estado aceitável, com as suas três mil libras de renda.

Deus, porém, é misericordioso para com as pobres habitações que abrigam nobres em desgraça; tapa-lhes as fendas das paredes com a hera vicejante, e envia de preferência o primeiro raio do sol, o primeiro sorriso da Primavera, aqueles que não gozam o luxo inebriante das cidades, como que para os consolar dos rigores nebulosos do Inverno.

A senhora de Beaupreau e Hermínia chegaram ao castelo des Genêts em fins de Janeiro, e na Bretanha os bons dias começam apenas em Abril. Todavia, o gelo desaparecera, e as árvores sacudiam ajudadas por uma brisa mais temperada, o manto de neve que lhes cobria os ramos despídos de folhas.

As aves festejavam com os seus gorjeios a aproximação da estação dos amores, os campos cobriam-se de verdura, e a natureza alegre e festiva, erguia um hino misterioso, celebrando a partida do Inverno. Aproximava-se a noite quando a carruagem onde iam a senhora de Beaupreau e Hermínia, apareceu na colina de onde se distinguia o vale no qual estava edificado o castelo des Genêts. A carruagem desceu a troté largo, guiada pelos raios do sol poente, e entrou no pátio do castelo com grande ruído. Havia muito tempo, talvez um século, que a velha propriedade não presenciava a chegada de uma carruagem de posta guiada à Daumont por um postilhão de calções amarelos, colete encarnado, e fazendo estalar o chicote. Dois criados, quasi tão idosos como a ama que serviam, correram esbaforidos a ver o que significava aquele motim. Um deles era um velho alto, de barbas brancas, estatura firme e robusta, que talvez houvesse sido um rude adversário nas guerras da Vendéia. O outro, era uma mulher, espécie de governante, acumulando as funções de cozinheira e de criada de quarto. Estas criaturas compunham todo o pessoal doméstico da baronesa de Kermadec, além de um pequeno pastor de gado a quem a baronesa criara amizade e recolhera no castelo.

(Continua)

Começaram as experiências sismológicas no Algarve

A sul-sudoeste da Fuseta, começaram na segunda-feira, prolongando-se até 7 deste mês, numa zona compreendida entre 3 e 7 milhas da costa, rebentamentos de cargas de profundidade, com o objectivo de experiências sismológicas, tendo em vista o estudo da crosta terrestre.

Neste período, há rebentamento de granadas, feito pelo draga-minas S. Jorge. Para estudo das alterações verificadas, foram montados nas ilhas de Armona e de Tavira, vários observatórios. Colaboram nestas experiências o Instituto Hidrográfico, o Serviço Meteorológico Nacional e o Instituto Geofísico da Universidade de Karlsruhe, da Alemanha. Os exercícios decorrem entre as 8 e as 18,15 horas.

FRIEIRAS... QUE FLAGELO!!!

Só as tem, quem as deseja ter! Usando «QUEIMAX», desaparecem-lhe em pouco tempo, mesmo as ulceradas.

A venda nas Farmácias

BRISAS do GUADIANA

Parabéns, Lusitano!

COM um começo de Campeonato que nos pareceu hesitante, embora os resultados obtidos no Campo de Jogos Francisco Gomes Socorro fossem logo de início satisfatórios, tem tido o vilarealense Lusitano Futebol Clube, nos últimos domingos, óptima recuperação e actuações francamente positivas que lhe mereceram um empate, em Moura, frente ao aguerrido clube local, e uma vitória em Grândola, no domingo, contra o Grandolense, isto sem falar no excelente jogo de há três semanas em Vila Real de Santo António contra o Juventude de Évora, ganho à tangente pelo Lusitano mas que na realidade merecia melhor expressão numérica.

Dispondo de um bom lote de jogadores, habilidosos e combativos, a equipa lusitanista está a «encontrar-se», praticando futebol de qualidade e prometendo novos e maiores êxitos ao seu clube e à sua terra.

Parabéns, Lusitano!

MAIS UM BARCO PARA AS CARREIRAS DO RIO GUADIANA?

Os dirigentes da Empresa de Transportes do Rio Guadiana, de Vila Real de Santo António, têm reunido com o sr. dr. José Manuel Teixeira Gomes Pearce de Azevedo, presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, para estudo da entrada ao serviço daquela empresa de um barco que, em especial nos meses de Verão, em que o movimento na fronteira é bastante intenso, facilite o transporte de passageiros e automóveis em melhores condições que as que actualmente se verificam, devido à relativamente reduzida lotação dos barcos que actuam no lado português.

Aos Transportes do Rio Guadiana interessava a vinda do barco «Sesimbrense», que já conhecem e reúne as melhores condições para o tráfego no rio, tendo porém o inconveniente de ocasião

CARTAS à Redacção

A necessidade de um pavilhão gimnodesportivo polivalente em Vila Real de Santo António

Sr. director:

Todas as necessidades de um agregado populacional são de considerar legítimas, pois só a sua plena satisfação permite equilíbrio, o qual, por sua vez, é causa da adaptação plena do homem ao meio, só assim, se poderá pensar em evolução e progresso. Surgem as referidas necessidades conforme a nossa cultura e pondo de parte a questão de «mais ou menos» apenas consideramos o termo «diferentes» para as justificar.

Sabemos nós que qualquer agregado tem a sua organização, dela sobressaindo um grupo de indivíduos a que poderemos dar o nome de responsáveis, que respondem ou deviam responder, pelo grupo onde estão inseridos. Assim, das suas responsabilidades (fruto da maneira de ser e estar) resultam todos os empreendimentos que permitem um bem ou mal-estar geral. Vem esta introdução a propósito da necessidade de movimento de que todos nós estamos possuídos, da sua utilização como meio de educação e das instalações adequadas para o fazer.

Sobre este último aspecto, Vila Real de Santo António está muito pobre, verificando-se que:

1 — a sua população em idade escolar não usufrui condignamente do que hoje se conhece sobre o movimento como meio de educação global, nomeadamente inserido em situações, problemas, jogos e desportos;

2 — a sua população não escolar, operária, não beneficia de situações que lhe permitam uma actividade compensadora para as suas horas de trabalho, não tendo, por conseguinte, repouso activo ou eliminação de fadiga;

3 — a sua população não escolar e não operária, não tem possibilidades de ocupar os seus tempos livres desportivamente.

Posto isto, sr. director, cremos que a edificação de um Pavilhão Gimnodesportivo Polivalente nesta vila é uma necessidade premente e que, numa escala de prioridade deveria ocupar, quanto a nós, o segundo lugar, depois do problema habitacional.

A construção de um Pavilhão Polivalente, e a sua utilização, possibilitariam:

a) a educação pelo movimento nas escolas primárias;

b) a prática simultânea de diferentes desportos, durante todo o ano;

1 — pelos alunos das escolas secundárias (Escola Preparatória D. José I, Escola Técnica, Externato Nacional);

2 — pelos representantes dos clubes (Glória, Lusitano, Náutico e outros);

3 — pelos representantes das empresas e organismos corporativos (Gráfica, Casa dos Pescadores, Sindicatos, etc.);

4 — pelos agentes da G. F., G. N. R., P. S. P. e outras instituições militares ou militarizadas.

c) a realização de espectáculos desportivos e outros.

Acreditando que um dos objectivos (entre outros) de um jornal, é defender os interesses locais (interesses de uma população em geral e não de uma minoria, por vezes pressionante) e para que esta carta não fique sendo apenas mais uma no arquivo, proponho que se organizasse uma mesa-redonda sobre o assunto, moderada por um representante do Jornal do Algarve e em que participassem os directores dos diferentes estabelecimentos de ensino, representantes dos clubes, empresas e organismos corporativos, podendo ainda assistir quem pela causa se interessar. O objectivo seria auscultar as opiniões desses responsáveis e criar uma comissão que expusesse junto das autoridades competentes os condicionamentos resultantes da não existência, nesta vila, de um Pavilhão Gimnodesportivo Polivalente, e o desejo de proporcionar às gerações actuais e vindouras tudo o que a nossa cultura permite para que não sejamos acusados de negligência ou comodismo. Elas, são o nosso espelho.

Bruno Neto

Alguns reparos ao regime cerealífero

Porque da leitura atenta do novo regime cerealífero, alguns reparos, que se nos afiguram pertinentes, surgiram ao nosso espírito, vamos expô-los, sucintamente.

1. O produtor que vendeu o seu trigo a \$350 o quilo, só recebeu \$340 porque a F. N. P. T. lhe descontou, normalmente, mais de \$10. A moagem de ramos compra-o a \$370 — base — além do transporte e do diferencial correspondente ao mês de aquisição. Nestas circunstâncias, pode surgir o mercado negro, o que, anteriormente, não podia acontecer porque a moagem comprava à F. N. P. T. por preço inferior ao que era pago ao produtor.

O próprio trabalhador rural tentará o produtor ao mercado negro, oferecendo-lhe mais dinheiro do que o preço da Federação. As estatísticas serão deformadas porque o produtor vai omitir a verdade por interesse próprio.

2. O produtor que vendeu toda a sua colheita por confiar na protecção à lavoura — o que vinha acontecendo há anos — ainda desta vez perdeu.

Porquê? Vendeu o seu trigo a \$340 e agora terá de comprar a farinha a \$410. Logo, o pão subiu, para estes e todos os que residem em zonas onde não existam padarias legalizadas.

3. O produtor que manifestou todo o seu trigo para venda, ao ter conhecimento do novo regime, será obrigado a entregá-lo à F. N. P. T.

4. A moagem de ramos também ficou a perder. Esta, pode vender a farinha a \$300, mas só à indústria de panificação e ainda dentro das suas compras — média quinzenal. Aqui ficou esquecido que esta indústria vive mais à base de maquiãs do que do trigo que compra à Federação. O mesmo não acontece com a sua congénere — moagem de espoadas — que pode vender toda a sua produção com bónus, uma vez que esta compra todo o trigo para a sua produção de farinha.

A própria F. N. P. T. agrava o problema cobrando \$20 por quilo além dos

TAVIRA: sobre o rio que vi agora

Tavira é este livro onde os olhos vão gravando sinais. De rua em rua, a arte despenha-se na terra. Os balcões, as portas, as janelas, os cunhais que parecem reflectir em água limpa chaminés e minaretes, igrejas recheadas de pintura de outros tempos: toda esta cidade é arte que vive e cai como fruto da luz. E os olhos desta gente? Estão cheios de ferramentas de um futuro que eles bem sabem como deveria ser.

Esse rio camponês que acaba por lavar a solidão marinha, quase último segredo do sapal e caçador das estrelas e lâmpadas da cidade, nesta noite aqui está junto de mim. E a velha draga de sabor ferruginoso é o combate desfalecido, é a greve em seco, o desfile, o porto das testas sujas de carvão. O Gilão e eu sorrimos. O rio num impeto cristalino deixa-se correr e mais ou menos como crianças caindo de borco. E nesse correr está um sorriso comum enquanto um miliciano aperta de mão-cheia um cinturão frenético.

Volto a olhar para a cidade numa tentação aguda de guardá-la do choque com esse cavalo desbocado da apatia, do atavismo. E aqui em Tavira como poderei raspar o inferno do que se dispara contra o povo? Contra a poesia? Contra o mineral desta raiva que passa pelos pescadores, pedreiros, andaimos, os que sofrem e amam nesta cidade? Que posso eu, a não ser olhar este livro onde qualquer das palavras fica cheirando a onda enterrada?

Aquilo por que se luta, aquilo por que se morre, aquilo que nos faz mudar cá dentro até a cor dos beijos, é isso o que vai correndo, neste rio, Gilão de nome, avarento que se prostituiu, rico que armazenou trigo, exportação clandestina da vontade. Este rio que é o templo submarino da cidade, que não pode ensinar nada a ninguém a não ser o que teve em comum com os homens. Hoje esse rio vive associado ao mar e ao lodo e dormem juntos. Os homens, esses é que cada um vive para seu lado. — C. A.

MÁQUINAS PINHEIRO

A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

Filiais

Lisboa — Rua Filinto Elísio, 15 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 194

\$10 que cobra aos produtores, e influência, como é óbvio, o preço do pão, para o caso atrás mencionado.

Como o regime cerealífero já foi promulgado, poder-se-ia rectificá-lo na medida em que se reconheça necessário para eliminação ou, pelo menos, atenuação dos inconvenientes apontados, dando-se às padarias do tipo indústria caseira, facilidades de aquisição de farinha nas condições em que as obtêm os abrangidos pelos Grémios de Panificadores.

5. A moagem de ramos, que há mais de vinte anos vem pedindo a sua integração na organização corporativa, e inteiramente confiada em que seria agora que tal milagre ocorreria, nota com grande pesar que, uma vez mais, se lhe volta as costas.

Não será esta indústria tão portuguesa como a indústria de espoadas? É, pelo menos mais antiga e está profundamente radicada nos hábitos das nossas populações.

Será porque uma é pobre e outra é rica? Confesso que não acredito que se tenha conhecimento, superlamente, da situação em que a indústria de ramos se vem debatendo.

Tenho conhecimento de muitas exposições feitas às entidades competentes e o resultado tem sido sempre o mesmo. Diz-se que a indústria de ramos não tem evoluído. É natural que isso aconteça. Deixem-na organizar-se corporativamente e ela se aperfeiçoará ttonicamente.



Jacqueline e Onassis, duas figuras de quem se fala de vez em quando nos jornais

VARANDIM

TEMPO DE REFLEXÃO

O TEMPO tudo modifica e renova e gosta e faz desaparecer. O homem, mesmo pensando que pensa, raramente consegue adaptar-se à ideia de que o amanhã é mais um peso que pesa na sua vida. Que um dia, uma hora, um minuto que estão para vir representam uma certeza de desgaste na queimante vela que vela a vida de cada um desde que se é atirado para a ponta de lança da vida, mais ou menos vivida, mais ou menos sofrida. E quando menos se dá conta, sente-se postado num elevado degrau da escada para onde os anos o foram empurrando despercebidamente. Fica como que surpreso de que tantos fios de anos se juntaram assim, levantando-o às portas da velhice. E querendo-se cada vez mais agarrado a esses fios, de anos passados, de anos futuros, é forçado a recordar os amigos e os conhecidos que foram ficando pelo caminho. Sobretudo, quando os jornais plantam uma flor na lembrança e na saudade daqueles que semearam na vida algo da sua vida.

E o caso que alguns jornais, há poucos dias, recordaram que passava mais um aniversário da morte de Manuel Teixeira Gomes, em 19 deste Outubro de ameno Outono. E a surpresa, deveras chocada por terem passado já 29 anos que esse acontecimento se verificou, vai repetindo a cada ano o mesmo estreitamento de saudade, para que a lembrança não ceda ao tempo que ao tempo pertence... E a cada ano ficamos com a sensação que não há tanto tempo passado sobre o dia dessa triste nova. Tempo de reflexão!

O tempo jamais engana. Jamais se engana... Há 29 anos que um dos mais ilustres representantes das letras pátrias desapareceu do número dos vivos. Foi principalmente durante os últimos anos da sua existência de solitário em terra estranha, que a nossa correspondência teve uma mais estreita e afectuosa expressão. Bougie era, para mim, jovem inexperienced e ignorante, como que o fim do Mundo. Que para um exilado, qualquer parte é sempre uma espécie do fim-do-mundo... Tinha a sensação que o exílio era uma espécie de máquina trituradora de vidas, a longo prazo. E sabia que um amigo, que tanto admirava, estava enredado nas peças dessa monstruosa maquinaria.

Foi nessa altura que eu tinha organizado a saída dum jornal, que começou como quinzenário e passou, os primeiros números saídos, a semandrio. «Foz do Guadiana», que tivemos o prazer de dirigir enquanto existiu, foi um jornal que soube honrar a imprensa algarvia. Um semandrio que nos anos 36/37 encheu de entusiasmo quantos amigos e leitores procuravam nele, e nele encontravam, um jornalismo claro e vigoroso, defensor dos interesses regionais e nacionais, alheio a capelas e igrejinhas. Um jornal que publicou nas suas páginas trabalhos de incontestável valor de intelectuais portugueses que deixaram nome alto no jornalismo e na literatura de Portugal. Muitos partiram já para os lugares da memória... Outros são ainda testemunhas válidas do que foi esse tempo de lutas e de esperanças, com a fogueira decoradora de vidas e bens na mártir Espanha de então. Recordo, com o favor da lembrança, os nomes de algarvios como José Barão, Julião Quintinha, Virgílio de Passos, Fernando de Morais Rodrigues e outros que o desfavor da memória não me permite mencionar. Jovens poetas, de fina sensibilidade, então estudantes, como António Pereira e João Braz, muito contribuíram para a valia do jornal. Também outros escritores de além-Algarve deram, com o brilho da sua inteligência, um valor pouco comum em jornais portugueses dessa época, e faziam de «Foz do Guadiana» um jornal altamente apreciado

dentro e fora da Província a que pertencia. Citemos alguns nomes dos mais representativos nas letras portuguesas de então e que colaboravam regularmente nesse jornal: Jaime Brasil, Abel Salazar, César Anjo (pai) e também os então estudantes em Medicina, César que não consigo lembrar agora.

Pois também Manuel Teixeira Gomes foi um amigo e um colaborador de «Foz do Guadiana». Seus escritos, de uma brilhante clareza e simplicidade, expressavam a pureza do estilista de fina sensibilidade, que esse ilustre algarvio soube ser, como escritor e intelectual quanto o conheciam.

O que terá sido a dureza do exílio de Teixeira Gomes posso eu, por fraca experiência pessoal, avaliar. Porque, se Bougie não é Paris e a vontade de isolamento do exilado de Bougie se revelou como que um grito de protesto contra os homens e as circunstâncias que fizeram dele, pela força da força, o último dos presidentes democráticos do nosso País, Paris é um mundo onde as multidões, por vezes, são tão indiferentes como um frio cerco de isolamento. Principalmente para os estrangeiros que por circunstâncias várias são forçados a trabalhar e a viver nas suas veias de infinta absorção e que não sabem, que não querem, criar raízes para se prenderem a outra terra que não seja a sua terra.

A roda do tempo vai rodando tempo, sem deter-se. Só a memória tenta resistir, mais ou menos ajudada por aquilo de que certos homens foram capazes de realizar, gravando no tempo traços da sua breve passagem pela Terra. Muitos, porém, vincaram fundo esses traços, permitindo que o desfar dos anos não apague tão depressa esses sinais de valiosa presença. Está neste caso o nome de Teixeira Gomes. A sua obra, na qual se contam autênticos mimos de estilista da língua portuguesa, é o testemunho do que afirmou. E através dos seus livros, o nome do algarvio Manuel Teixeira Gomes vencerá as tenazes do silêncio, tentando caminhar emparcelado no tempo.

Paris, 26-10-70.

António do Rio

AOS NOSSOS ASSINANTES

A Administração do JORNAL DO ALGARVE vai proceder à cobrança duma nova série de recibos de assinaturas. Dado que os encargos de cobrança são cada vez mais elevados, pedimos a todos os nossos assinantes dispensem o melhor acolhimento aos recibos 'sopetadosde usaxjz onb



SERVIÇO DE SOCORROS PERMANENTE VILA REAL DE STO. ANTÓNIO